



Nº5 - 2014



Índice

- . “É hoje...” - Conto de Ewa Szafrńska
- . As mulheres no mundo dos videojogos - Magdalena Józwik
- . Não compreendo! - Małgorzata Tracz
- . Os livros de Ryszard Kapuściński - Weronika Ślęzak
- . Atividades do Centro de Língua Portuguesa/Camões no ano letivo 2013/2014
- . 3º Congresso dos Estudantes Lusitanistas da Polónia: Unidade e Diversidade no Mundo Lusófono
 - Anna Tylec e Katarzyna Janowska
 - Bartosz Suchecki
 - Grzegorz Kobędza
 - Magdalena Górska
 - Michał Belina

Redação:
Justyna Wiśniewska
Lino Matos
Diretor artístico:
Jorge Branco

**Editado pelo Centro de Língua Portuguesa/
Camões em Lublin**
Diretora do Centro:
Professora doutora Barbara Hlibowicka-Węglarz



É HOJE...

Ewa Szafrńska
3º ano de Estudos Portugueses
UMCS, Lublin

Tudo começou da maneira simples. Às vezes, quando estou na minha cama, tentando adormecer, quando olho para a lua misteriosa e brilhante, a minha primeira e única professora, a última a condenar e julgar acho mesmo que foi simples demais... Naqueles momentos curtos e fugitivos da minha extrema fraqueza, quando a lucidez da minha mente se recusa a obedecer-me, quando a minha consciência irrompe da nulidade em que normalmente está imersa, nesses momentos não posso suportar a trivialidade e a inconsciência dessa pequena decisão que me privou de toda a inocência e de todas as ilusões da juventude ingênua. Lembro-me muito bem desses momentos da minha adolescência, quando as minhas pequenas dores e as minhas lutas diárias sem importância deixavam-me louca. Quando a menor dúvida parecia ser o fim trágico do meu mundo limitado. Ó, como me parece hoje estúpido, patético e idiota esse pensamento superficial e precipitado.

Quando estava quase a terminar os meus estudos na escola secundária, quando eu ia ser uma pessoa livre, um jovem capaz de decidir sobre a sua própria vida, sem “o fazer e não fazer”, estava preocupado que tinha 18 anos e não consegui nada na minha vida, não tinha nada que pudesse ser verdadeiramente “meu”. E, quando esperava finalmente encontrar uma paz de espírito, perdi-o... O nome da minha perdição é Baudelaire. Sempre que fecho os meus olhos, eu posso ver essas palavras que tinha visto pela primeira vez nas aulas, nas cópias dadas pelo professor, com vivacidade surpreendente, como se tivessem sido esculpidas nas minhas pálpebras:

É preciso estar sempre embriagado. Aí está: eis a única questão. Para não sentirem o fardo horrível do Tempo que verga e inclina para a terra, é preciso que se embriaguem sem descanso. Com quê? Com vinho, poesia ou virtude, a escolher. Mas embriaguem-se.

Como eu poderia dizer “não” à resposta para o meu tormento interior que me foi dada numa bandeja de prata? Como poderia resistir à escolha tão generosa que me foi oferecida? Pela primeira vez na minha vida eu senti que a decisão pertencia inteiramente a mim, era o mestre do reino escuro, o soberano desta entidade estranha, de mim mesmo... Mas, novamente, o que eu poderia escolher? O que deveria escolher? Onde estava a resposta? Onde estava o consolo e conforto para a minha alma martirizada?

Poesia? Eu odiava poemas ainda mais do que romances. Odiava as mensagens ocultas, as verdades não contadas, as metáforas que ninguém pediu e que pareciam ser criações de algumas criaturas mentalmente perturbadas que esse mundo deu à luz como resultado de alguma anomalia incompreensível. Não, a solução não podia ser poesia.

Virtude? Não estava a minha vida já cheia dela? Será que eu não fazia o suficiente para os outros? Tinha obedecido a todas as regras que foram criadas desde o nascimento

É HOJE...

da humanidade, amei o meu próximo como a mim mesmo e onde estava eu? Não, virtudes eram para os perdedores, e eu, pela primeira vez na minha vida, queria ser um vencedor, liderar a pelotão, ser camisola amarela.

E então vieram longos anos de esquecimento doce, da inconsciência com sabor de uvas fermentadas. Eu perdi tudo, até mesmo coisas que eu nunca tive, sendo num relacionamento com um pedaço do vidro verde. Depois de algum tempo comecei a acordar dessa dança sonambúlica. Eu entendi que o preço que eu pagava pela calma ilusória era demasiado elevado. Era hora de uma nova negação existencial, um novo ciclo de questões sem respostas. Em vez de camisola amarela, usava uma camisa suada.

Acha que não há nenhuma esperança para mim? Que estou eternamente perdido e condenado, que não há futuro para um ser humano da minha espécie? Deixe-me dizer uma coisa. Gostaria de sabê-lo naquela época da minha juventude perdida. O Baudelaire não conhecia todas as respostas, ele não era um profeta, não tinha o monopólio da verdade. Anselmo tem. Um músico bem sucedido graças a Deus. É hoje que estou no caminho certo, quero começar a minha recuperação, emergir da nulidade. Sei que com ele, com a sua orientação, o escuro parecerá claro, o incerto tornar-se-á certo e a camisa suada, um dia, transformar-se-á numa amarela...



Fotografia: Jorge Branco

**AS MULHERES NO MUNDO
DOS VIDEOJOGOS**

Magdalena Józwick
2º ano de mestrado em Estudos Portugueses
UMCS, Lublin

Quando começo a falar sobre uma das minhas paixões, os videojogos, a reação mais comum é um sorriso condescendente e sempre a mesma pergunta: não são os jogos um coisa para crianças? A minha resposta é: não. A indústria dos videojogos é uma das que tem o desenvolvimento mais rápido no entretenimento, com uma comunidade de jogadores que está a crescer todos os dias. Uma das razões deste aumento é a popularidade dos canais de jogadores no YouTube, onde as pessoas carregam os guias, as dicas ou simplesmente os vídeos divertidos feitos em jogos (muitas vezes mostrando as falhas do jogador ou outras maneiras de jogar). Por causa disso, há muitas pessoas para as quais jogar e gravar os vídeos é um trabalho.

A popularidade desses tipos de canais no YouTube pode-se ver nos números: na lista dos dez canais com mais subscrições em abril de 2014 há três canais dedicados aos videojogos, e o canal com o maior número de subscrições em todo o Youtube é o canal de PewDiePie, o jogador sueco, com 26424196 subscrições. Na comunidade dos jogadores não importa a idade, a nacionalidade ou a plataforma em que se joga: seja o computador, a consola ou simplesmente o telemóvel. É fácil ser um jogador. Mas, é fácil ser uma mulher na comunidade de videojogos?

Os videojogos ainda são considerados uma coisa para os homens, por isso muitas vezes tenho problemas diz Ula (23), estudante de Bialystok e minha amiga. Foi ela que me introduziu nos videojogos há quase quatro anos. Comecei a jogar há mais de 17 anos, quando tinha cinco anos e com os meus irmãos recebemos um computador no Natal. Estou orgulhosa da minha coleção de jogos, o meu conhecimento deles e a minha experiência, mas até hoje, quando, por exemplo, uso a página de troca de videojogos, tenho de escrever como se fosse um homem, porque quando os outros conhecem o meu sexo, não me levam a sério.

Aversão, ódio, até a hostilidade aberta e as piadas sexistas de mau gosto são reações comuns à jogadoras da parte masculina da comunidade. É difícil definir a causa deste desprezo; talvez os jogadores achem que as mulheres destroem a falsa exclusividade da sua paixão? O mesmo acontece no caso da BD, ficção científica ou fantástica: sendo mulher, é muito difícil ser aceite pelo resto da comunidade. Todas têm de repetidamente provar o seu conhecimento sobre a história, o mundo ou os personagens e lutar contra o rótulo de impostor que na realidade não é um fã verdadeiro.

Acho que quase cada mulher já foi alguma vez a vítima das piadas dos outros jogadores. Por isso, não costumo usar o chat de voz quando estou no videojogo com as pessoas desconhecidas. Quase todas as vezes que eu disse algo, a única coisa que ouvi foi a pergunta porque não estás na cozinha? O que me levou a gritar aos outros e lutar com eles e não jogar continua Ula. Eles são fãs de videojogos; eu

AS MULHERES NO MUNDO DOS VIDEOJOGOS

NÃO COMPREENDO!

Os livros de Ryszard Kapuściński

É HOJE...

AS MULHERES NO MUNDO DOS VIDEOJOGOS

também sou. E, como eles, eu tenho o direito de apreciá-los e irrita-me muito que tantos jogadores considerem os videojogos como uma espécie de clube só-para-homens.

Muitos jogadores dizem que podem justificar esta reação pelo choque de encontrar uma mulher que gosta de videojogos (para mim, não existe NENHUMA justificação possível para o sexismo, misoginia e a discriminação das mulheres em qualquer lugar). Achar que o número das jogadoras, comparando com os homens, é pequeno. Pelo contrário; segundo um estudo sobre o ano 2013 da Entertainment Software Association (ESA: a associação comercial da indústria dos videojogos nos Estados Unidos), 48% dos jogadores e 50% dos compradores frequentes de videojogos são as mulheres. O que é ainda mais interessante, mulheres de 18 ou mais anos representam um grupo significativamente maior dos jogadores do que os rapazes de 17 ou menos anos (36% e 17%, respetivamente).

Então, é realmente razoável considerar os videojogos como uma coisa principalmente para os rapazes adolescentes?

Outro problema grande não só nos videojogos, mas em toda a indústria do entretenimento é a falta da representação das mulheres. Este facto pode-se verificar com os dados muito recentes. Durante todas as conferências da E3 (Electronic Entertainment Expo, uma feira internacional dedicada a jogos eletrónicos, considerada a mais importante de todos os eventos deste tipo), Microsoft, EA, Ubisoft e Sony, os maiores produtores de videojogos no mundo, foram apresentados mais de cem jogos; só três (excluindo aqueles que permitem a personalização de personagem) tinham a mulher como protagonista. As mulheres que aparecem nos jogos são geralmente estereotipadas, sexualizadas e despersonalizadas; podemos dividi-las em pelo menos duas categorias. Primeira, a mais comum, é a mulher que existe só no fundo, sem o objetivo aparente. Muitas vezes são as vítimas dos crimes do antagonista no início da história para motivar o protagonista a lutar e vingar-se. Outro tipo de personagens que aparecem nos videojogos são aquelas com a aparência que é um sonho de todas as mulheres no mundo, com a roupa reveladora que cobre quase nada, mas muitas vezes considerada armadura. No entanto, é difícil chamar armadura a algo que parece mais a roupa interior; especialmente quando o equivalente masculino da mesma armadura cobre todo o corpo do personagem. Esta é a razão pela qual eu gosto de Skyrim (The Elder Scrolls V: Skyrim, 2011), diz a minha irmã, Basia (27). As mulheres que encontro nas várias localidades do mundo deste videojogo são tão importantes como os homens, e as histórias delas são igualmente interessantes. E, claro, a armadura disponível é prática e realmente protege contra os inimigos e não mostra só o corpo da personagem. Isso não existe na maioria dos videojogos que eu conheço. Quando comecei a jogar, nos anos 90, não conhecia nenhum jogo com a mulher-protagonista. E quando finalmente apareceu uma heroína forte e independente: Lara Croft (1996), foi necessário que tivesse aspeto perfeito e impecável, que se tornou um símbolo sexual, para que os

homens não se queixassem de uma mulher como protagonista, diz Ula.

A maioria das jogadoras com as quais falei numa das redes sociais sobre o assunto da representação feminina nos videojogos dizia a mesma coisa: o aparecimento das personagens femininas é muito importante. Adição dos personagens diversos com os quais podemos identificar-nos definitivamente aumenta o valor do jogo. Afinal, nem todos somos homens brancos de 30 até 40 anos, com o cabelo castanho ou preto e barba de vários dias.

Felizmente, pouco a pouco a situação está a mudar. Muitas vezes por causa de protestos da mesma comunidade; os jogadores estão cansados das mesmas justificações e querem mais diversidade nos videojogos. O exemplo perfeito deste tipo de ativismo é alvoroço enorme que começou depois da apresentação dos novos títulos das séries Assassin's Creed e Far Cry da Ubisoft. Na parte de cooperação destes videojogos (quatro pessoas em Assassin's Creed V: Unity, duas pessoas no caso de Far Cry 4), todas as personagens são homens; os representantes do produtor justificam este facto dizendo que não tinham tempo nem recursos financeiros para animar os modelos de mulheres e que a animação das personagens femininas duraria duas vezes mais tempo e podia atrasar todo o desenvolvimento dos videojogos. A série Assassin's Creed é uma das minhas preferidas e, como para muitas pessoas na comunidade, não aceito esta justificação. Como podemos acreditar que a Ubisoft, um dos maiores e mais conhecidos produtores de videojogos no mundo não tenha recursos financeiros e tempo?

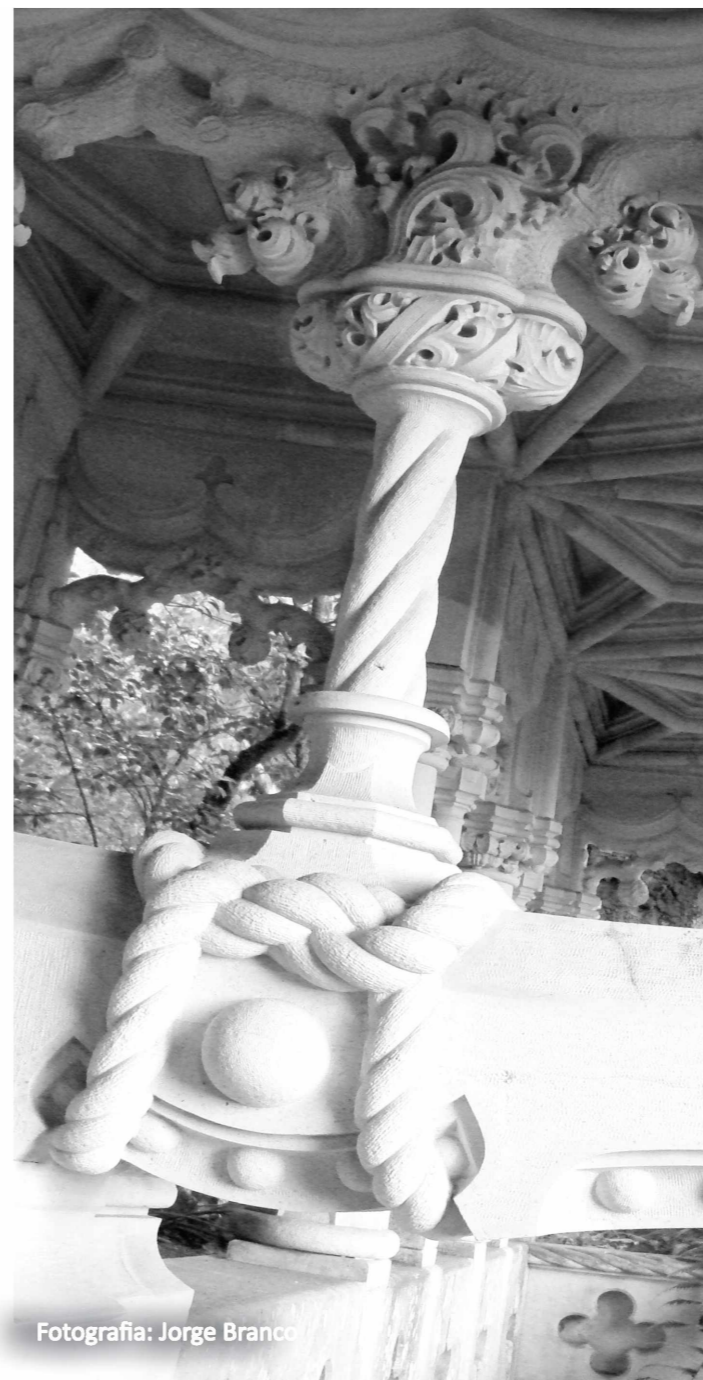
E o tempo? Em março foi revelado que o novo título da série tem estado em desenvolvimento há pelo menos três anos em dez estúdios de todo o mundo (além do principal Ubisoft Montreal, no jogo contribuíram os estúdios de Toronto, Kiev, Singapura, Xangai, Annecy, Montpellier, Bucareste, Quebec, e Chengdu). É um pouco estranho que nenhum deles teve tempo para criar o modelo feminino do personagem.

Mesmo que os comentários não tenham influência no desenvolvimento destes jogos, um número enorme de pessoas que expressam estas opiniões pode causar que outros produtores dêem conta do seu público e notem as demandas por personagens mais diversos. Poderia também mudar a opinião daqueles que dizem que a falta da representação mais diversa nos videojogos não é um problema real e que a coisa mais importante no videojogo é a jogabilidade e o divertimento, e não o sexo do protagonista. Se isso não importa, porque há tão poucos jogos com protagonistas femininas?

Diz-se que o século XXI é um século em que a igualdade existe na sociedade, mas há muitos aspetos em que esta igualdade chega muito lentamente. A situação está a mudar; a parte feminina da comunidade dos jogadores tem cada vez mais reconhecimento, e, por conseguinte, no futuro pode aparecer maior representação feminina nos jogos. Grande parte nesta mudança têm também as mulheres-celebridades associadas com o mundo dos videojogos: seja as

AS MULHERES NO MUNDO DOS VIDEOJOGOS

próprias criadoras (por exemplo Kiki Wolfkill de 343 Industries, Amy Henning de Naughty Dog, Lucy Bradshaw de Electronic Arts ou Jill Murray de Ubisoft), as responsáveis pela promoção (Fragdolls) ou as personalidades femininas do YouTube (Meg Turney, também conhecida pelo seu cosplay e Ashley Jenkins, que antes trabalhava na Microsoft e Ubisoft, de Rooster Teeth, Lindsay Jones de Achievement Hunter, Cleo do canal Games4Fite ou Ashly Burch de Hey Ash, Whatcha Playin'). O número crescente delas e das próprias jogadoras mostra que o mundo dos videojogos não é só para os homens. Pessoalmente espero que os membros desta comunidade e os próprios criadores dos jogos no fim dêem conta disso.



Fotografia: Jorge Branco

NÃO COMPREENDO!

Małgorzata Tracz
3º ano de Filologia Ibérica
UMCS, Lublin

Quantas vezes já ouviu esta frase? Estou certa que já perdeu a conta. Os mal-entendidos são algo comum. Acontecem em varias situações e, às vezes, é impossível evitá-los. Conforme a minha experiência, posso enumerar três exemplos:

Os mal-entendidos linguísticos

Sem dúvida, são os mais básicos. O polaco não é uma língua muito usada no mundo, ou seja, a maioria dos falantes tem origem na Polónia. Assim, necessitamos de estudar as línguas estrangeiras para comunicarmos mais facilmente com outras pessoas. Quando tinha mais o menos 15 anos, a minha amiga e eu decidimos viajar para Espanha. Conhecia algumas palavras e expressões em espanhol e orgulhava-me disto (pensando "inteligentemente" que já era quase como uma espanhola...). Ao chegar a Espanha, informei os outros companheiros de viagem sobre as minhas "capacidades". Então, eles pediram-me que lhes encomendasse quatro sumos de laranja (em espanhol naranja). "Quatro sumos de naraña [naranha], por favor!" - pedi com um sorriso de orelha a orelha. "De quê?! Não compreendo.", "De naraña" - repeti, indicando com o dedo laranja. "A! Naranja [naraŋxa]" - disse o vendedor. Em polaco "j" pronuncia-se tal como "i" nos ditongos em português e é por isso que cometi esse erro crasso.

Durante as últimas férias visitei as Ilhas Canárias. O sol, as praias longas e...dezenas de turistas estrangeiros. Entre outros, muitos franceses. No liceu, tinha estudado francês e, apesar de não ser muito fluente na fala, compreendia tudo. Um dia, regressando da praia de Fuerteventura, encontrei duas francesas. Perguntaram-me se falava a sua língua. Disse que sim, mas que estava mais a vontade a falar inglês. Então uma das senhoras perguntou à outra "Como se diz mar em inglês?". Entendi a sua conversa e interrompi "Mer (mar em francês) - sea ". Como? "Mer-sea" ("merci" em francês significa OBRIGADA!). Ambas as mulheres concordaram em que eu não falava francês e foram embora.

Os mal-entendidos na mesma língua:

Nem todos sabem, mas o polaco também tem variantes, como o da Silésia ou da Cassúbia (Kaszuby). Além disso, usamos milhares de regionalismos. Vou dar alguns exemplos mais populares para mostrar como isto funciona no dia-a-dia:

As batatas. Na minha região lubelszczyzna, usam-se alternativamente as palavras ziemniaki [ziemnhaqui] ou kartofle [cartofle]. Poznań, uma das maiores cidades na Polónia, é famosa por chamar-lhes pyry [pirj]. Pelo contrário, no dialeto dos Montes Tatra, são grule. Cuidado quando pedirem algo no restaurante! Nem todos os empregados de mesa, p.ex. em Lublin, vão entender bem o que significa grule.

As pantufas. Uma palavra que causa muitas confusões. Em Cracóvia chamam pantofle (que na minha região en-

tende-se como os sapatos elegantes, ao mesmo tempo é uma palavra um pouco antiquada). Aqui em Lublin temos ciapy [tsjapj]. Quase ninguém de fora da nossa região compreende... Kapsie [capsje], apesar de ser a versão oficial, quer dizer não um regionalismo, é mais usada em Varsóvia. Com bambosze [bamboche] pode encontrar-se nos Tatras. Na região de Wielkopolska diz-se laczki [latszqui] e na Silésia lacie [latsje].

Vou lá para fora! Na minha região, para expressar esta frase, as pessoas costumam dizer idę na dwór (literalmente: vou para o pátio). No entanto, em muitas lugares, incluindo Cracóvia, é totalmente ao contrário: idę na pole (literalmente: vou para o campo).

O vestibulo. Uma palavra muito importante na Polónia, porque é aí que as pessoas deixam os sapatos e os casacos ao entrarem em casa (é imprescindível fazê-lo!). A versão unificada é przedpokój [pzedpokuj]. Na Silésia podem ouvir antryj [antrij], para mim, totalmente incompreensível. Os serranos chamam-lhe sień [cienh]. Ouvi também a versão przedsiónek [pzedcionec]. Na minha casa dizemos sionka [cionca].

As calças. A versão mais usada desta palavra na Polónia é spodnie [spodnhe]. Na Silésia usam a palavra galoty [galotj], que em Lublin soa um pouco divertido. Nas montanhas vestem-se portki [portqui]. Nos arredores de Cracóvia definem-nas como gacie [gatsie]. Em Lublin gacie significa as cuecas e não é uma palavra muito elegante.

Os mal-entendidos culturais:

O savoir-vivre é o código internacional dos comportamentos culturais, respeitado por quase todos. Outra coisa são os bons modos. Em cada país é um pouco diferente. Na Polónia também temos varias “leis não escritas”.

Receber os convidados

Na Polónia é bem-visto recebê-los à grande e à francesa. As mesas enchem-se de pratos e de bebidas de todos os tipos. Deste modo, depois de cada encontro, sobram quilos de comida que os hóspedes não conseguiram comer. Todas as pessoas podem ficar na nossa casa até quando quiserem. Mas é o convidado que sente que não pode abusar da hospitalidade! As pessoas bem-educadas sabem também que é melhor atrasar-se 5 minutos para uma festa. Ao mesmo tempo, atrasar-se mais de 15 minutos pode ofender os nossos amigos. Sobre o que se fala à mesa? Como é habitual em todos os sítios, sobre o tempo, a família, o trabalho... O tema popularíssimo é a política. Mas aqui não se pode esquecer de que cada pessoa na Polónia tem as suas próprias opiniões nesta área, por isso tenha cuidado com os julgamentos radicais. De que se pode brincar? Os polacos gostam muitíssimo de rir-se e acho que a maioria não tem os temas “tabu”, à excepção da religião.

A entrada e a saída

Num autocarro pode-se entrar por todas as portas. Mas lembre-se que primeiro as pessoas saem. Isto funciona também noutros lugares. Entramos depois dos outros saírem. Os cavalheiros cedem a passagem às senhoras, dizendo “por favor”. Entrar nalgum sitio antes da mulher é conside-

rado uma falta de chá.

As relações homem-mulher

Os polacos costumam beijar a mão das mulheres. É um cumprimento que expressa a consideração. Além disso, um homem bem-educado ajuda sempre as mulheres a transportar as coisas pesadas. É normal fazê-lo na rua, no comboio, nas lojas, etc. É um homem avaro? Então, não vai gostar de que é bem-visto pagar pela mulher depois dum encontro. Já tem a cara-metade e vai conhecer os seus pais? No primeiro encontro deve oferecer-lhes algum presente: um ramo de flores, uma caixa de chocolates, etc.

Outros

Se vai com os seus amigos a um bar, não fique surpreendido se cada um pagar só a sua despesa. Não tem sempre de deixar uma gorjeta. Só se costuma fazê-lo quando estamos satisfeitos com o serviço. O mínimo é normalmente 10% do valor da conta. De costume, tratamos por tu só os amigos. Com os familiares saudamos dando-lhes três beijos na bochechas.

Vale a pena aprender as línguas! As estrangeiras, as variantes da nossa e...as humanas como a cultura e o comportamento dos vários países. Há que respeitar que todos somos diferentes, mas, para evitar <os mal-entendidos> é melhor que, pelo menos, tentemos conhecer outros costumes.



Fotografia: Jorge Branco

Weronika Ślęzak
3º ano de Filologia Ibérica
UMCS, Lublin

Ryszard Kapuscinski é uma lenda da reportagem mundial e polaca. Nasceu em Pińsk (hoje Bielorrússia, encontrava-se na Polónia antes da Segunda Guerra Mundial), em 1932. Durante os anos 1952-1956, estudou na Faculdade de História da Universidade de Varsóvia. Depois dos estudos, começou a trabalhar como jornalista e fez as suas primeiras viagens: à China, ao Paquistão e ao Afeganistão, de onde enviou as suas primeiras reportagens. O sucesso começou com a viagem para o Congo em 1958 durante a guerra civil. A partir deste momento as suas reportagens da África, da Ásia e da América do Sul eram altamente valorizadas e Kapuściński recebeu vários prémios, incluindo o Prémio Príncipe das Astúrias (2003), Internazionale Viareggio Versilia (2000) e muitos outros na Polónia, França, Estados Unidos, Itália, Alemanha, etc.

Muitas vezes ele foi definido como “um homem com um extraordinário sentido de informação e meio ambiente”. Tinha uma capacidade incrível de observar e perceber as coisas invisíveis para outros e um instinto que o levava a todos esses lugares onde as coisas importantes aconteciam. Sabia como observar e analisar o ambiente formando rapidamente parte dele. Por causa da sua neutralidade sabia valorizar objetivamente os fatos. Para ele importava mostrar o que não é observado pelo jornalismo que segue as elites políticas. Cada reportagem de Kapuscinski é um combate pela dignidade, contra a indiferença.

Algumas das suas reportagens foram traduzidas para português. Todas as traduções foram feitas por Tomasz Barciński - tradutor de obras da literatura polaca para português, para a editora brasileira Companhia das Letras (Cia. das Letras). Abaixo vou apresentá-las, encorajando o leitor lusófono a procurar estas publicações e conhecer este famoso repórter.

Heban – Ébano (1998): Uma coleção de reportagens sobre África. É o registo das viagens de Ryszard Kapuscinski por África (entre outros à Etiópia, à Tanzânia, à Nigéria, ao Gana), de 1958 até aos inícios dos anos sessenta, quando esses países foram engolidos pelo fogo das várias revoluções. O trabalho consiste em 29 histórias curtas, organizadas por ordem cronológica. É um livro escrito num estilo em que a reportagem está entrelaçada com o romance, criando uma espécie de diário dum repórter. No livro há muitas comparações entre a vida dos africanos e dos europeus.

Cesarz – O Imperador (1978): Livro sobre a Etiópia e a corte imperial de Haile Selassie na época da monarquia constitucional e no momento da revolução. O autor apresentou-o mais como a ficção literária do que reportagem. O escritor não mostra os membros da junta militar comunista que derrubou a monarquia. Em vez disso, mostra as relações dos ex-membros do cortejo imperial (sem revelar a sua identidade, com algumas exceções). Kapuściński reconstrói a imagem do sistema através da gente que serve no palácio.

As suas descrições, impassíveis, cheias dos detalhes aparentemente sem importância, compõem a imagem do regime, sendo ao mesmo tempo a evidência factual, que demonstra a sua criminalidade.

Podróże z Herodotem – Minhas viagens com Heródoto: É um trabalho autobiográfico, publicado em 2004. Neste livro, o autor compara as suas viagens na Ásia e na África, com as aventuras do antigo cronista Heródoto. Quando Ryszard Kapuściński partiu para a sua primeira viagem ao estrangeiro, ele recebeu como presente a história de Heródoto. O trabalho do antigo historiador acompanhou-o durante as viagens pela Índia, China, Ásia Menor e África. Neste livro, o famoso repórter fala sobre muitos eventos políticos e históricos fascinantes que ele testemunhou, justapondo-os com os fatos descritos por Heródoto. Pergunta-se como a forma como viajamos, como transmitimos as mensagens e descrevemos a história afeta a compreensão do mundo.

Wojna futbolowa – A Guerra do Futebol (1978): Este livro é uma antologia de relatos vagamente relacionados, que falam sobre os eventos políticos nos continentes africano e americano. A guerra do futebol do título foi um conflito armado entre El Salvador e Honduras, mas consiste apenas um capítulo neste importante trabalho. O livro de uma forma muito vívida mostra-nos o nascimento da independência nos países africanos e o processo turbulento da criação dum estado, baseado na corrupção e violência. Vale a pena ler porque mostra-nos também as condições do trabalho de repórter há algumas décadas, quando ele comunicava com o país mediante os telegramas, e que mostra quão difícil, mas também cheia de aventuras era esta profissão.

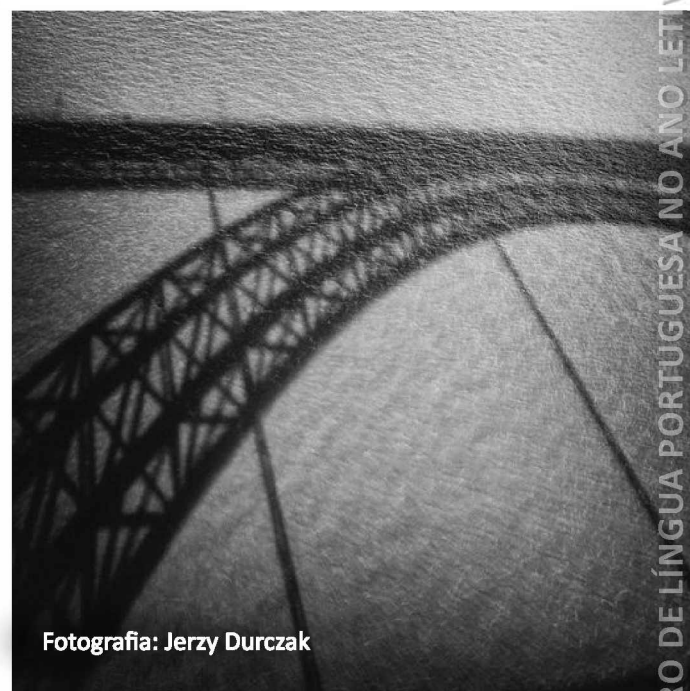
Szachinszach – O xá dos xás (1982): É um ensaio não muito longo sobre a história sangrenta do Irão. O autor dá-nos uma aula da história, que não vamos ter nas nossas escolas. Assim Kapuściński explora não só a natureza da revolução, mas também a natureza do povo iraniano. No entanto, em vários lugares o autor destaca claramente o fato que os habitantes desta região são pessoas que na teoria e na prática não diferem muito de nós.

Jeszcze jeden dzień życia – Mais um dia de vida: Os eventos registados da guerra civil em Angola nos últimos meses antes da independência deste país a 11 de novembro de 1975. O autor observa e descreve os acontecimentos da capital, Luanda, despovoada e ameaçada pelos ataques dos intervencionistas estrangeiros, mas também a situação na frente. “Mais um dia de vida”, publicado em 1976, é um livro muito pessoal. Não sobre a guerra, não sobre aqueles que lutam de dois lados, mas sobre o sentimento de perda e incerteza do que vai acontecer contigo cada dia.

ATIVIDADES DO CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ANO LETIVO 2013/2014



Fotografia: Filipa Scarpa



Fotografia: Jerzy Durczak



Fotografia: Joanna Dudek

7 de novembro de 2013

Palestra do Prof. Doutor Henryk Siewierski da Universidade de Brasília: Amazônia na obra do Padre João Daniel, um missionário português do século XVIII. Depois da palestra teve lugar a apresentação do livro do Prof. Doutor Henryk Siewierski: Livro do rio máximo do Padre João Daniel.

13 e 14 de novembro de 2013

Palestras da Profª Doutora Cristiane Roscoe Bessa da Universidade de Brasília:

Teoria da tradução

A tradução-substituição e questões relacionadas.

3 de dezembro de 2013

Encontro com Pietro Führ, estudante de Direito da Universidade de Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil que esteve em intercâmbio na UMCS no curso de Economia. Proferiu uma palestra com o tema: Imersão do jovem brasileiro na cultura e no trabalho.

18 de dezembro de 2013

Encontro de Natal dos estudantes e professores da Filologia Ibérica da UMCS.

18 de novembro a 20 de dezembro de 2013

Ciclo de cinco palestras dedicadas à língua e à cultura galegas proferidas por Briaxis Fernández Méndez.

14 de janeiro

Palestra do Prof. Doutor José Carlos Lázaro da Silva Filho da Universidade Federal do Ceará (UFC): Administração e Logística no Brasil.

Palestra da Dra. Magdalena Szymańska Lázaro da Silva, professora do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC: Intercâmbio – Apresentação da UFC.

27 de fevereiro

Visita de Sua Excelência a Embaixadora de Portugal na Polónia, Dra. Maria Amélia Paiva. Do programa da visita constou:

- Prorrogação do protocolo de cooperação entre a Universidade Maria Curie-Skłodowska e o Instituto Camões para os próximos anos.

- Assinatura de um protocolo de cooperação entre a Universidade Maria Curie-Skłodowska, a Embaixada de Portugal na Polónia e a empresa Jerónimo Martins, representada pelo Dr. Nuno Dias. Este protocolo estabelece as condições de concessão de uma bolsa de estudo para o melhor estudante da filologia portuguesa na UMCS.

- Inauguração da exposição A BD Ibérica - Uma Península aos Quadrinhos. A exposição foi uma iniciativa do Instituto Camões e do Instituto Cervantes. Em Lublin este certame fez parte do vasto programa de comemorações dos 70º aniversário da UMCS.

- Visita ao Centro de Língua Portuguesa/Camões com um encontro informal com os estudantes de filologia portuguesa.

- Reunião com o corpo docente do Departamento de Estudos Portugueses.

25 e 26 de março

Palestras da Profª Doutora Maria da Natividade Pires da

ATIVIDADES DO CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ANO LETIVO 2013/2014

Escola Superior de Educação de Castelo Branco:

Literatura Infantil e Juvenil e Educação Intercultural e Alguns exemplos do artesanato português.

28 de março

Na Escola Secundária n.º 4 Stefania Sempołowska em Lublin teve lugar o 1.º Concurso Interescolar sobre Conhecimento da América Latina, sob o patrocínio da Embaixada do México na Polónia, o Centro de Língua Portuguesa/Camões e Escola de Língua Espanhola Villablanca de Lublin.

1 de abril

Palestra do Prof. Doutor Paulo Osório, presidente do Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal): Algumas Curiosidades da Língua Portuguesa: do passado ao presente.

3 e 4 de abril de 2014

3.º Congresso dos Estudantes Lusitanistas da Polónia: Unidade e Diversidade no Mundo Lusófono.

A palestra de abertura: Unidade e Diversidade da Língua Portuguesa no Mundo foi proferida pelo Prof. Doutor Paulo Osório da Universidade da Beira Interior. Depois seguiram-se 21 comunicações divididas em cinco sessões temáticas: Linguística, História e Cultura (Brasil), Língua e Cultura (Timor-Leste), Literatura, História e Cultura (Países Lusófonos) proferidas por estudantes dos maiores centros universitários de ensino do português da Polónia (Cracóvia, Poznań, Varsóvia, Wrocław e Lublin)

8 de abril

Palestra do Dr. Pedro Balaus Custódio do Instituto Politécnico de Coimbra: Três Vozes da Literatura Portuguesa Contemporânea.

30 de maio

Palestra do Prof. Doutor Bento Siteo da Universidade Eduardo Mondlane de Maputo: Literatura em línguas africanas: (n)um caldeirão cultural.

4 de junho

Apresentação audio-visual por Miguel Santos, estagiário da Universidade Aberta, de Lisboa, no auditório do Centro Camões, sob o tema Santo António e a sua Herança.

23 a 27 de junho

A Profª Doutora Hanna Jakubowicz Batoréo da Universidade Aberta, Lisboa, esteve na UMCS, no Departamento de Estudos Portugueses e no Centro de Língua Portuguesa/Camões, no âmbito do Programa Erasmus 2013/2014. O programa da sua estadia abrangeu apoio tutorial e orientação científica ao nível de mestrado e do pós-doutoramento na área da Linguística Portuguesa, especialmente no que diz respeito ao Português Língua Não-Materna e à Linguística Cognitiva.

CONCURSOS:

Concurso de fotografia: Portugal a preto e branco (77 fotografias de 27 autores)

1.º lugar: Michalina Kowol – Expo, Lizbona

2.º lugar: Jerzy Durczak – Most nad Douro

3.º lugar: Joanna Dudek – Lisboa

Menções honrosas:

Ana Filipa Scarpa – Ponte de Lima

João Santiago – O Douro na Régua

Katarzyna Janowska – Mały człowiek i morze

Karolina Sz waj – O Pescador

Concurso de ortografia: (14 participantes)

1.º lugar: Magdalena Ideć – Universidade Jagellónica de Cracóvia

2.º lugar: Zyta Padała – Universidade Marie Curie Skłodowska de Lublin

3.º lugar: Zofia Gajos - Universidade Marie Curie Skłodowska de Lublin

Menções honrosas:

Dominika Pezda - Universidade Jagellónica de Cracóvia

Natalia Trzebuniak - Universidade Marie Curie Skłodowska de Lublin

Joanna Józefowska – Universidade Adam Mickiewicz de Poznań

Concurso de conhecimentos de cultura geral- Portugal e Brasil: (42 alunos das escolas secundárias e básicas do 3.º ciclo da região de Lublin)

Escolas básicas do 3.º ciclo

1.º lugar: Łukasz Wituch (EB n.º 1 União Europeia, Zamość) (39 pontos)

2.º lugar: Jan Mazurek (EB n.º 10 Jan Twardowski, Lublin) (38,5 pontos)

3.º lugar: Olgierd Sobieraj (EB n.º 10 Jan Twardowski, Lublin) (36 pkt.)

Escolas secundárias

1.º lugar: Marek Wawrzyszko (Liceu n.º 1 W. Broniewski, Świdnik) (45 pontos)

2.º lugar: Michał Smoła (Liceu n.º 1 União Europeia, Zamość) (40,5 pontos)

3.º lugar: Igor Adamczyk (Liceu n.º 1 União Europeia, Zamość) (40 pontos);

Marek Gawrysiak (Liceu n.º 1 A. J. Czartoryski, Puławy) (40 pontos)

Concurso de tradução (42 participantes)

1.º lugar: Katarzyna Kłodnicka

2.º lugar: Jarosław Kobyłko

3.º lugar: Magdalena Ideć

Concurso de apresentações multimédia: Portugal – terra de navegadores (186 apresentações de alunos do ensino básico do 3.º ciclo e secundário de toda a Polónia)

1.º lugar: Jan Jurasz (Agrupamento de Escolas Anna z Działyńskich-Potocka, Posada Górna)

2.º lugar: Kamil Nowacki (Agrupamento de Escolas de Krasnopol)

3.º lugar: Klaudia Orzechowska (EB 3.º ciclo n.º 16 Fryderyk Chopin, Lublin)

Menção honrosa: Michał Dolina (Liceu ONU, Biłgoraj)

3º Congresso dos Estudantes Lusitanistas da Polónia: Unidade e Diversidade no Mundo Lusófono

3º Congresso dos Estudantes Lusitanistas da Polónia:
Unidade e Diversidade no Mundo Lusófono



Fotografia: Jorge Branco

Património mundial de origem portuguesa

Anna Tylec/Katarzyna Janowska
UMCS, Lublin

Há cerca de 500 anos os portugueses começaram a sua expansão marítima. Marcaram a sua presença no mundo inteiro, também em lugares que não parecem tão evidentes. Na lista da UNESCO podemos encontrar 40 sítios de origem e influência portuguesa, 16 deles ficam no território de Portugal e os restantes estão espalhados por vários continentes. Observando o mapa seguinte podemos notar que os sítios mencionados ficam na zona costeira, o que testemunha o carácter marítimo da expansão portuguesa.



Na América do Sul podemos destacar nove lugares no Brasil e um no Uruguai. Entre eles há o Centro histórico de São Luís que se situa no estado de Maranhão. É a única cidade no Brasil fundada pelos franceses, em 1612, depois invadida pelos holandeses e finalmente administrada pelos portugueses. Uma das marcas mais significativas da presença deles são vários elementos arquitetónicos como as janelas arredondadas no topo ou os edifícios decorados com azulejos. Até hoje mantiveram-se exemplos das típicas casas coloniais do século XVII.

Outro vestígio encontra-se na cidade de Olinda que fica no estado de Pernambuco, a norte de Recife. Na altura da exploração da cana-de-açúcar foi a capital do estado mas depois de ser destruída durante a invasão holandesa no século XVII perdeu a sua importância na região. O resto mais significativo é o Convento de São Francisco reconstruído pelos portugueses no séc. XVIII. O seu interior apresenta o estilo barroco e o claustro foi decorado com azulejos que mostram as cenas de vida dos santos.

O testemunho seguinte é a Praça de São Francisco localizada no centro histórico de São Cristóvão, no leste do Brasil. A cidade foi fundada em 1590 e é considerada a quarta cidade mais antiga no país. A praça representa um legado do período da União Ibérica por apresentar influências tanto portuguesas como espanholas, contribuindo para uma imensa riqueza histórica. No local referido é possível apreciar o palácio do período colonial onde funciona o Museu Histórico; e também prédios das ordens religiosas, como o Museu de Arte Sacra e o Convento de São Francisco. Todos eles continuam praticamente com a mesma feição de quando fundados.

A cidade de São Salvador da Baía é mais uma das marcas

da influência portuguesa. Foi fundada em 1549 e localiza-se no Estado da Baía, sendo a primeira capital do Brasil. A Igreja de São Francisco, de 1703, é o exemplo mais apreciável da presença dos portugueses. A igreja apresenta o maior conjunto de azulejos portugueses do mundo e ostenta um dos melhores exemplos do repertório ornamental barroco no interior onde as paredes são cobertas inteiramente de ouro. Na cidade foi criado também o primeiro mercado negro do Novo Mundo que teve lugar no Largo do Pelourinho.

Na lista de Património Mundial encontra-se também o Centro Histórico de Goiás. A cidade, fundada pelos portugueses, localiza-se na região central brasileira. No século XVIII iniciou-se a intensiva extração do ouro nessa região que provocou o desenvolvimento da cidade. Este facto determinou o estabelecimento do governo local. Por isso o Palácio dos Governadores foi construído e serviu como residência para governadores e palácio de despachos. Além da arquitetura civil há alguns edifícios religiosos interessantes como a Igreja da Boa Morte ou Igreja de Sant'Ana.

O vestígio seguinte pode encontrar-se no Centro Histórico de Diamantina, no Estado de Minas Gerais, a norte de Belo Horizonte. Foi fundada na altura do início da busca do ouro nesta região (século XVI), mas depois foram descobertas aqui também jazidas de diamantes. Entre os principais monumentos que compõem o centro histórico de Diamantina, destacam-se o Museu do Diamante com a Biblioteca e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo que foi mandada construir pelo contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira ou mais precisamente pela mulher dele, Chica da Silva, ex-escrava e fundadora de vários edifícios na cidade.

O Santuário de Bom Jesus de Matosinhos também foi inscrito na lista da UNESCO. A basílica fica em Congonhas, perto de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais. Foi construída na segunda metade do século XVIII. Uma lenda diz que o santuário foi fundado por causa dum colono português, Feliciano Mendes, que curado dum doença grave dedicou este lugar, o monte do Maranhão, ao Senhor do Bom Jesus de Matosinhos. Em frente do santuário encontram-se doze estátuas dos profetas (do projeto do famoso arquiteto Aleijadinho) e seis capelas com as cenas da Paixão de Cristo, que se parecem com as dos santuários do Bom Jesus de Matosinhos ou de Braga.

Outro lugar onde os portugueses deixaram as suas marcas é a cidade de Ouro Preto, situada no estado de Minas Gerais, a sul de Belo Horizonte. Foi criada no século XVII, quando foram descobertas jazidas de ouro nesta região. A cidade distingue-se das outras povoações pela sua arquitetura idêntica à da típica das regiões portuguesas do Minho e Alto Douro. Como o exemplo pode servir a Igreja de Nossa Senhora do Pilar. As paredes do interior são cobertas por quase 400 quilos de ouro. Ao lado da igreja encontra-se o pequeno museu onde estão em exibição alfaias e pratarias de grande qualidade.

Um dos centros urbanos mais significativos para a cultura e a política brasileira e simultaneamente criadas pelos portugueses é o Rio de Janeiro. A cidade foi fundada em

1565 para ocupar e defender a Baía de Guanabara. A antiga capital do Brasil é a primeira cidade que recebeu o título de Paisagem Cultural Urbana do Património Mundial. Os locais da cidade valorizados com o título da UNESCO são entre outros o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Floresta da Tijuca e a famosa praia Copacabana. Esta paisagem cultural é o fruto de associação dos aspectos naturais com as influências humanas.

Os portugueses chegaram também aos terrenos do atual Uruguai. Colónia del Sacramento tem origem na antiga cidade de Colónia do Santíssimo Sacramento fundada em 1680 por Manuel Lobo, Governador da Capitania Real do Rio de Janeiro. É ali que se encontram atrações de origem portuguesa como o Farol de 1857, as ruínas do Convento de San Francisco, considerada uma das construções mais antigas da cidade, datada de 1683. Um dos símbolos da região é a bela Calle de los Suspiros, de onde, segundo a lenda local, é possível escutar um som como o de um suspiro nos dias de vento mais forte.

Além da América do Sul, os portugueses deixaram também as suas marcas na África. É claro que os vestígios mais evidentes podem ser achados nos países que antigamente foram colónias portuguesas. Aliás, na lista da UNESCO encontram-se outros lugares, também influenciados pela presença dos portugueses.

Um dos exemplos é a cidade de Mazagão, atual El Jaidida, localizada em Marrocos, a sul de Casablanca. Fundada nos inícios do século XVI como entreposto comercial e militar na rota marítima para a Índia, manteve-se na posse da coroa portuguesa até 1769. Mazagão é um importante exemplo do intercâmbio das culturas europeias e marroquina. Um dos testemunhos da atividade dos portugueses é o primitivo castelo e a fortaleza com o hospital, o palácio do governador, os armazéns, a cisterna manuelina, o chafariz e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção. São também visíveis alguns vestígios do antigo Palácio dos Governadores no edifício da atual mesquita.

Em Cabo Verde manteve-se outra marca: a Cidade Velha, a primeira capital deste país que foi fundada em 1462, como cidade da Ribeira Grande. A cidade desenvolve-se rapidamente graças à localização do arquipélago cabo-verdiano que ganhou um grande valor estratégico, como o ponto de apoio nas rotas marítimas para as Américas e para o sul de África. A cidade é coroada pela Fortaleza de São Filipe com uma cisterna de água e armazém de armas, que foi construída em resultado dos ataques à cidade de 1578 e de 1585, de Sir Francis Drake, o corsário inglês. Fica aqui a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a única que se manteve e que continua aberta ao culto.

Podemos encontrar outros vestígios portugueses na Ilha de Gorée que se localiza no território do Senegal, a três quilómetros do porto em Dakar. No século XV os portugueses fundaram aqui uma feitoria que, com a localização estratégica da ilha, deu origem ao desenvolvimento do maior centro de comércio de escravos do continente africano. Ao longo de vários séculos o lugar foi conquistado e adminis-

trado pelos holandeses, ingleses e franceses. A mais importante marca do tráfico dos escravos é a Casa dos Escravos por onde passaram milhares de pessoas.

A Ilha de James também esconde as marcas da presença dos portugueses. Situa-se na foz do rio Gâmbia, na Gâmbia. Foi centro de comércio de ouro e marfim, e depois também de escravos, iniciado pelos árabes, nos séculos IX e X. Os portugueses herdaram-no ainda no século XV tornado este lugar um dos mais importantes pontos do tráfico negreiro. Desde o século XVIII encontrou-se sob a dominação britânica.

O último lugar na costa africana ocidental que foi inscrito na lista do Património Mundial e testemunha a atividade portuguesa nesse continente são os fortes e castelos de Volta em Accra, cidade que se situa na costa do Gana. No fim do século XV os portugueses fundaram a primeira feitoria – o Castelo de São Jorge. Logo que encontraram o ouro na costa surgiram também os ingleses, holandeses e suecos que construíram os novos fortes, no total mais de 60. Em pouco tempo apareceu neste lugar também o comércio dos escravos. Vestígios disso é o Castelo de Cape Coast de origem inglesa.

Passando para a costa oriental da África encontram-se quatro lugares onde a presença portuguesa deixou as suas marcas. O mais evidente é a Ilha de Moçambique que foi, nos séculos XV e XVI, um importante ponto estratégico na rota comercial portuguesa para a Índia e também no comércio de exportação de escravos para o Brasil. Da presença portuguesa na Ilha de Moçambique testemunha a Fortaleza de S. Sebastião, concluída no fim do séc. XVI ao lado encontra-se também a cisterna e a antiga Igreja de S. Sebastião. Na extremidade norte da ilha de Moçambique situa-se a edificação colonial mais antiga de toda a costa do Oceano Índico - a Capela de Nossa Senhora do Baluarte que é tida como único exemplar de arquitetura manuelina existente em Moçambique.

Os portugueses chegaram também à Tanzânia o que podem provar as ruínas de KilwaKisiwani e de Songo Mnara que se localizam nas duas pequenas ilhas de mesmo nome na costa sueste da atual Tanzânia. O porto árabe na ilha KilwaKisiwani foi tomado por Vasco da Gama em 1502 durante a sua segunda viagem à Índia. Logo depois começou a construção da primeira fortificação na zona oriental africana, fortaleza de pedra e cal e os outros edifícios que hoje estão em ruínas. Em 1512 os portugueses abandonaram as ilhas, em lugar deles regressaram os árabes e povos swahili. É preciso sublinhar que durante alguns séculos foi o importante centro de trocas comerciais entre a Europa, a África e o Oriente.

O vestígio seguinte que vale a pena destacar é o Forte Jesus de Mombaça, que fica na costa do Quênia. A história de fortaleza começou com a chegada de Vasco da Gama em 1498 durante a sua viagem marítima à Índia. Logo depois a Cidade de Mombaça tornou-se um importante ponto de escala na rota comercial entre o Estado da Índia e a África Oriental. Por isso o rei D. João III decidiu fundar uma forta-

leza que defendesse este lugar de salteadores. O forte é considerado como o exemplo da arquitetura militar portuguesa do século XVI mais significativo na costa oriental africana.

A cidade-fortaleza de Fasil Ghebbi é o outro exemplo das influências portuguesas no mundo. A cidade situa-se na região de Gonder, a antiga capital da Etiópia. É um conjunto de castelos, palácios, igrejas e outros edifícios influenciados por várias culturas: etíope, indiana, grega ou portuguesa. Esta última foi marcada no Palácio do Rei Fasiledes, uma das mais espetaculares construções do conjunto, fundado no séc. XVII, então na altura dos ataques muçulmanos à comunidade cristã que habitava o lugar.

A presença dos portugueses destacou-se também na Ásia. Pode-se sublinhar seis sítios onde são visíveis as influências desta cultura. O primeiro deles é o forte português da Ilha de Bahrein, que é um pequeno estado insular do golfo Pérsico, o maior monumento de Manama o Forte de Bahrein, ou também conhecido como o Forte Português. Foi construído por ordem de D. Manuel I no século XVI, reino bastante rico principalmente em pérolas, mas também um importante local de trocas comerciais. Embora seja uma fortificação árabe mas mantém também os traços portugueses.

As marcas portuguesas encontram-se também na cidade de Goa localizada a meio da costa ocidental da Índia. O património construído na Velha Goa é o encontro de duas culturas: a europeia e a asiática. Arquitetura - ocidental, e decoração asiática. Do património edificado na cidade de Goa durante a presença portuguesa permanece essencialmente a arquitetura religiosa. Um dos edifícios religiosos é a Sé de Goa, cuja construção foi inspirada na Sé Catedral de Portalegre. A Igreja do Bom Jesus é um dos melhores exemplos da arquitetura barroca do país. No seu interior repousa o corpo de São Francisco Xavier, um missionário cristão, considerado o Apóstolo do Oriente e em 1946, tornou-se a primeira basílica da Índia.

A cidade velha de Galle e as suas fortificações apresentam outros vestígios da presença portuguesa. O Forte de Galle localiza-se na baía de Galle, na costa sudoeste da ilha de Ceilão, atual Sri Lanka. Os primeiros europeus a visitarem o Sri Lanka foram os portugueses: Dom Lourenço de Almeida chegou à ilha em 1505. Fundada no século XVI pelos portugueses, Galle alcançou o auge do seu desenvolvimento no século XVIII. Construíram uma muralha e três bastiões para defender a península. Em 1640 a cidade caiu nas mãos de holandeses que refizeram as muralhas e toda a cidade no estilo holandês. Galle continua sendo o melhor exemplo de uma cidade fortificada construída pelos europeus no Sul e no Sudeste Asiático.

Os portugueses chegaram também à Malásia. A costa de Malaca foi durante 600 anos um importante centro comercial da Ásia, e 84 línguas diferentes eram faladas na capital da Malásia refletindo a variedade de pessoas e culturas, também presente na paisagem urbana. Em 1511, Afonso de Albuquerque conquistou-a e assim Malaca esteve sob domínio português entre 1511 e 1641.

O último local onde a presença portuguesa deixou as

suas marcas é o Centro Histórico de Macau que se localiza no sul da China. Foi escala das embarcações portuguesas durante as viagens ao Japão e primeiro entreposto comercial europeu na China. Os portugueses receberam o privilégio de aí se estabelecerem principalmente para defender a cidade de salteadores e piratas. Em Macau são visíveis as influências europeias que se cruzam com as chinesas. E assim podemos observar nas paredes de edifícios os azulejos com os motivos de dragões. Seguindo ainda os relatos tradicionais, Luís Vaz de Camões permaneceu em Macau entre 1557 e 1559, período durante o qual, na designada “Gruta de Camões”, se inspirou para escrever excertos da sua famosa obra Os Lusíadas.

O Património Mundial de Origem Portuguesa está em relação com a enorme diversidade cultural, unida pelos portugueses. Com este trabalho mostrámos que os portugueses criaram laços e raízes bastante fortes entre os povos pelos quais passaram e ainda se podem observar essas ligações.

Anna Tylec e Katarzyna Janowska – estudantes do 1º ano do mestrado em Estudos Portugueses na UMCS. No quarto semestre dos estudos de licenciatura tiveram oportunidade estudar na Universidade do Porto através do Programa Erasmus. Interessam-se pela cultura e história dos países da CPLP e pela expansão da língua portuguesa no mundo.

Bibliografia:

1. <http://whc.unesco.org/en/interactive-map/> - 17.11.2014.
2. Azevedo, C. (1960), A Fortaleza de Jesus e os Portugueses em Mombaça – A Fortaleza de Jesus, Lisboa, pp. 79-127.
3. Bethecourt, F., Curto, D., (eds.) (2010), A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800, Edições 70, Lisboa.
4. Dias, P. (2008), Arte de Portugal no Mundo. África Oriental e Golfo Pérsico, Lisboa.
5. Kieniewicz, J. (2008), Ekspansja. Kolonializm. Cywilizacja, DiG, Warszawa.
6. Maik, W. (sob a dir.) (1999) ABC Świat. Afryka II, Wydawnictwo Kurpisz, Poznań.
7. Silva, A. Correia e (1998), Espaços Urbanos de Cabo Verde, o tempo das cidades-porto, Lisboa.

**Bartosz Suchecki
UMCS, Lublin**

A minha apresentação trata, como o assunto diz, da minha perspetiva subjetiva sobre a brasilidade. Alguns de vocês me conhecem, outros não. Dado que vai ser uma perspetiva pessoal, no início, alguns factos básicos sobre mim. Cá, na Polónia, chamome Bartek. No Brasil conhecido na maioria das vezes como: o Barczy. Sou aluno do terceiro ano de estudos portugueses. Este lugar, o Instituto Camões é a minha casa. Claro, no sentido metafórico. Por exemplo, nunca dormi aqui. Recentemente, eu passei sete meses no Brasil. Em Lublin estudo sobretudo as matérias portuguesas. Então: porquê o Brasil?

Não é por acaso. Há dois anos eu fiz intercâmbio, através do Programa Erasmus, em Lisboa. Essa viagem abriu o apetite para conhecer mais, explorar outras regiões lusófonas. Mas, antes da estada, os meus motivos não eram palpáveis, tangíveis. Não tinha objetivos declarados. Só queria aproximar-me de fenómenos novos, do mundo desconhecido que não sabia designar. Essa indeterminação tornou-se para mim o valor principal da viagem. Além disso, eu vi “Tieta”, uma telenovela da rede Globo mostrando o Brasil rural. Nessa época, esta série foi muito estranha para mim. Na verdade, ainda é estranha, mas também intrigante. Fiquei interessado pelo país distante.

Mais ou menos cem anos antes disso, nas primeiras décadas do século XX, o escritor francês Marcel Proust procurava, ainda no leito de morte, o tempo perdido. O século inteiro trouxe um montão de novidades, mudanças sociais e políticas ao redor do mundo. No mundo lusófono, os africanos, depois de terem conquistado a independência, tentavam definir a todo o custo a angolidade e a moçambicanidade. As disputas sobre a responsabilidade por propagar os valores típicos continuam até hoje. Muitos portugueses, acostumados à exaltação da portugalidade no período salazarista, foram expulsos do país pela crise. Hoje, no estrangeiro sentem saudades do nacional.

Hoje, quero falar da brasilidade. Muitos autores brasileiros empenharam-se em desmascarar a essência da identidade brasileira. As análises políticas e sociais complexas de, por exemplo, Euclides da Cunha, Manoel Bomfim, Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Hollanda ou Gilberto Freyre, entre muitos outros pensadores, tratam de questões como o atraso e a modernidade do país, o papel das elites intelectuais no processo de formação da nação, as relações raciais, etc.

É óbvio que eu não sou pensador. Não tenho competências, nem tempo para desenvolver esse assunto no sentido académico. Só quero falar sobre os factos curiosos da minha perspetiva. Queria chamar a vossa atenção para os eventos e fenómenos que me surpreenderam de alguma forma no Brasil.

Os brasileiros, no decorrer de cem anos, passaram desde o fim do Império, pela República Velha, Era Vargas, Período Populista e Regime Militar, até à Nova República. Hoje, em 2014, no ano da Copa do Mundo de futebol – a modalidade

que eles adoram – manifestam-se contra... a organização da competição no país tropical. Parece que a paixão pelo futebol e o carnaval, geralmente aclamados os fundamentos da brasilidade, não chega para se reconciliarem com o quotidiano, bastante desanimador para muitos deles.

A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos são os eventos esperados por todo o mundo. Desta vez, especialmente pelos brasileiros. O povo tinha muitas esperanças ligadas à organização dos eventos. Eram, na maioria, as expectativas sociais: da melhoria do espaço público, infraestruturas, transporte urbano. Parece que muitas delas não se vão cumprir por causa da má governação. Hoje, gostaria de me concentrar nesses problemas, óbvios ou menos óbvios. Começo com o óbvio.

No caminho de Tieta

Cheguei ao Brasil em julho. O meu destino foi Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul. Um facto curioso: a primeira coisa que comprei foi o disco vinil da trilha sonora de “Tieta”. Adorei. Por outro lado, a primeira coisa que notei nas ruas foram as prostitutas espalhadas pela cidade. Infelizmente, não tirei fotos. Neste momento, no ano da Copa, no país falase bastante sobre o problema da prostituição entre as menores. Eu queria tocar em outro tema relacionado com a sexualidade, o fenómeno mais abrangente, conhecido por uma grande parte da sociedade brasileira: a cultura machista.

Recentemente, uma jornalista brasileira, Nana Queiroz, organizou em redes sociais uma iniciativa “Não mereço ser estuprada”. Em resposta, ela recebeu ofensas e até ameaças pelo mesmo meio de comunicação. Isso não é surpreendente. Na internet, os idiotas diários elevam o seu idiotismo ao nível inédito por causa do relativo anonimato. O que é surpreendente ou ainda chocante são os resultados da pesquisa do IPEA divulgados no programa Fantástico da Globo nessa ocasião. Segundo a investigação, a maioria dos brasileiros acha que as mulheres são responsáveis por serem atacadas sexualmente. Entre 3800 pessoas entrevistadas em todo o país, 65% disseram que as mulheres que usam a roupa que mostra o corpo merecem ser atacadas. Ainda mais estranho é que 66% dos inquiridos nesta pesquisa eram mulheres. Segundo outros dados a que os investigadores tiveram acesso destacase o número de pessoas estupradas no Brasil por ano: por volta de 500 mil.

Esses são exemplos graves, mas a influência do machismo sobre o comportamento dos brasileiros é visível também durante o famoso Carnaval. Durante a folia deste ano, muitas mulheres foram vítimas de abordagens criminosas, sendo agarradas, apalpadadas e beijadas à força.

Alguns relatos colecionados pela Agência Brasil em março no Rio de Janeiro:

O cara chegou e me deu uma chave de braço [técnica de imobilização no pescoço]. Não tive como sair e ele me beijou.

Se passar sozinha, os caras passam a mão, tentam enfiar o dedo (na vagina), beijar, isso é um fato.

Os caras não aceitam um não. Forçam a barra, usam a força, e aí não tem jeito para te deixarem em paz.

A secretária executiva de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, Lourdes Maria Bandeira, avalia:

Há avanços em uma série de dimensões da vida, somos maioria nas universidades, há expansão das áreas de atuação e de decisão, mas persiste um repertório de práticas violentas.

Ao colocar uma saia curta ou uma roupa alegre, ela não é respeitada. Passa a ser vista em uma condição de vulgaridade, de mulher fácil, de objeto e a partir disso deriva a violência.

Ela sublinhou também o papel da “representação de mulheres em condições de objeto sexual na mídia”.

A mídia – corrompem a sociedade ou só refletem os seus desejos e satisfazem-nos? É uma questão polémica e não faz parte desta apresentação, mas o sexualismo nos média desperta o interesse. O facto é que nos média brasileiros, à parte do sexo, mostrase muita negatividade. Mas não pode ser de outro jeito, visto que essa negatividade enche a vida de muitas pessoas. O povo, geralmente, não confia nas autoridades. Porquê?

Existem muitas razões. Dois exemplos rápidos.

Primeiro: a Chacina da Candelária. Neste episódio de 1993, oito adolescentes, moradores de rua, de 11 a 19 anos, foram assassinados no centro do Rio de Janeiro por policiais militares. Sim, por policiais militares. Sem entrar em pormenores: no processo de julgamento, três pessoas responsáveis foram condenadas a 309, 243 e 209 anos de prisão. Contudo, hoje, 20 anos depois, os três permanecem em liberdade. Inacreditável, não é?

Segundo: três anos depois, em 1996, no estado do Pará, no norte do Brasil, 19 pessoas semterra (isto é, trabalhadores rurais que não possuem a terra em que vivem e trabalham) foram mortas numa ação da polícia. De novo, da polícia. Os lavradores marcharam em protesto contra o atraso na desapropriação de terras e obstruíram a rodovia. Os policiais foram autorizados a atirar. 10 trabalhadores foram executados à queima roupa. Na lei penal brasileira, não é possível punir um grupo, pois a conduta precisa de ser individualizada. Então, os policiais permanecem impunes. Só em 2012, o coronel e o major (os responsáveis pela operação) foram presos e condenados a 228 e 158 anos de reclusão pelo massacre.

É impressionante e, ao mesmo tempo, chocante. Há muito mais casos assim. Se vocês quiserem, podem ler na internet, porque são os problemas complexos.

Consequências? Sobre casos únicos esquecese, mas não se pode fugir do sentimento geral da impunidade presente na sociedade. Portanto, o povo desconfia das instituições públicas – a polícia, tribunais, políticos.

Em casos como esses não é necessária a narração. Já os números contam a história. As estatísticas são implacáveis e não estão a favor do Brasil. Entre 1980 e 2010 o país registrou 1,09 milhão de homicídios. Isso significa que a média anual nesse período chegou ao nível superior do número

de mortos nos conflitos da Chechênia e da guerra civil de Angola. Desde 1980 até 2003 as taxas de homicídio cresceram constantemente. Passou de 11,7 homicídios em 100 mil habitantes em 1980 para 26,2 em 2010. A violência incide de forma muito mais intensa entre a população negra.

À sombra das garotas de Ipanema

Algumas meses depois de Porto Alegre, visitei o Rio de Janeiro. Lá, além das praias de Ipanema e Copacabana, encontrei um problema que é comum às maiores cidades brasileiras. Os mendigos, semteto, semabrigo, moradores de rua – têm muitos nomes. Segundo os dados oficiais, há mais que 5 mil moradores de rua na cidade do Rio e quase 15 mil em São Paulo. Visto que a Copa do Mundo está a chegar, a prefeitura do Rio pretende coibir “a prática de pequenos delitos” entre os semabrigo. O que isso significa na realidade? Significa que a ilustração sensual da Garota de Ipanema da música de Tom Jobim e Vinícius de Moraes é trocada pela imagem dos agentes da prefeitura recolhendo os semteto em vans.

Durante a ação mais recente nos bairros de Copacabana e Leme, na zona sul da cidade, os agentes da prefeitura e policiais militares tinham como foco principal o recolhimento de moradores de rua. O secretário municipal do Governo, Rodrigo Bethlem, diz que o morador de rua só é recolhido, se ele quiser. A Agência Brasil acompanhou a ação de fevereiro deste ano e verificou que alguns moradores foram encaminhados para a van da prefeitura, para serem levados à delegacia e depois ao abrigo, mesmo sem querer ajuda das autoridades. Na imprensa portuguesa encontrei relatos ainda mais curiosos sobre os semteto levados à força 10 ou 15 quilómetros para lá da zona turística ou sobre as substâncias químicas postas no passeio para impedir os semabrigo de dormirem no chão.

Para além disso, o Rio com o Maracanã, o estádio da final da Copa do Mundo em julho, é a meca do futebol. Segundo o jornalista inglês Tim Vickery, que mora no Brasil há quase 20 anos, o futebol é um microcosmos e o modo de abordar o jogo revela factos interessantes sobre a sociedade. No caso do Brasil, ele notou que os torcedores apoiam o seu clube quando ele ganha, mas a maioria deles não assiste aos jogos quando a equipa perde. Isto, ele diz, reflete uma autoestima baixa do país. Explica essa maneira de se comportar pela tentativa de evitar a humilhação, um conceito muito forte na sociedade brasileira. Fiquei com a mesma impressão que Vickery. Muitos dos meus amigos brasileiros chamam a Polónia, um país “do primeiro mundo”. Isso parece engraçado para mim, acostumado a queixas constantes dos meus compatriotas que vão ao estrangeiro em busca de trabalho. Mostra também que o país tem muita potencialidade, mas os seus habitantes ainda se sentem inferiores e atrasados em comparação com a Europa.

O amor redescoberto

Passei o último mês da minha estada na América do Sul na maior cidade do continente, São Paulo. É normal que uma cidade deste tamanho tenha suas peculiaridades. Eu, porém, gostaria de usar São Paulo para generalizar um

EM BUSCA DO AMOR PERDIDO – UMA PERSPETIVA SUBJETIVA SOBRE A BRASILIDADE

pouco sobre o Brasil. A capital paulista foi provavelmente o maior palco das manifestações de junho 2013 espalhadas por todo o país. O motivo oficial dos protestos foi o aumento do preço dos bilhetes de transporte coletivo. Talvez fosse um pretexto para expressar a indignação geral. O sentido de oportunidade provocado pela Copa das Confederações e a atenção do mundo deixaram exercer pressão sobre o governo. Este ano, aconteceram protestos de menor escala contra a organização da Copa.

Nos últimos meses, nasceu também um fenômeno dos chamados rolezinhos, isto é, encontros de centenas de jovens da periferia em shopping centres. Os encontros são marcados por meio de redes sociais e interpretados pelos sociólogos como uma manifestação da desigualdade social e racial no país. Da desigualdade que eu notei já no dia da greve geral em Porto Alegre. Da desigualdade simbolizada pelos semabrigo que ocuparam nesse dia as portas de bancos, lugares que ao longo da semana são pontos de encontro da elite financeira. Da desigualdade sublinhada pelos slogans rebeldes pintados nos muros de instituições públicas.

Essas observações facilitam perceber o êxito das músicas como “Não existe amor em SP”. A composição do artista paulista Criolo, premiada e elogiada por muitos críticos, explica a situação em todo o país. O autor não toca no assunto do amor romântico, antes retrata a falta de cidadania, indiferença em relação aos outros.

A minha perspectiva é, com certeza, limitada. Mas, mesmo assim, poderia falar de muitas outras coisas, outros aspetos da brasilidade. Comecei com estupros, passei pela violência: chacinas, massacres, pela pobreza, autoestima baixa e cheguei à desigualdade. Pode parecer que só juntei os assuntos explorados pelos média para acusar e condenar o Brasil. Mas: não. Não ataco o Brasil, não sou inimigo do Brasil. Pelo contrário, eu gostaria de voltar lá no futuro.

Como Marcel Proust disse:

O verdadeiro ato de descobrimento não consiste em sair em busca de novas terras, mas sim aprender a ver a terra que já nos é conhecida com novos olhos.

Por isso, vale a pena visitar o Brasil e vale a pena pensar no Brasil. Nunca acreditei nos avisos que consideravam o Rio ou São Paulo as cidades diabólicas onde reinavam a violência e o estupro. Pessoalmente, sentime seguro lá e não sofri nenhum prejuízo. Contudo, não se pode marginalizar ou ainda completamente ignorar os problemas que estão enraizados na estrutura social e são cada vez mais óbvios.

São os problemas que se podem vencer. O que falta? Na minha opinião, o que os brasileiros procuram no seu dia a dia é o amor: amor de si mesmos e de outros. Claro, o amor sozinho não resolve todos os problemas. Mas talvez um dia, o sentimento, sendo acordado pouco a pouco, prevaleça, como nas telenovelas, e, como Tieta me levou ao Brasil, o amor leva toda a gente a agir, a lutar por sua causa. A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos podem afetar profundamente o país, mas não graças aos feitos heroicos dos governadores. Pelo contrário, por causa da falta de atividade construtiva e do abuso do poder pelos governantes o povo

pode decidir que já basta. Chegou a hora de redescobrir o amor.

Na minha busca pessoal, encontrei no caminho de Tieta o amor. Apaixoneime pela brasilidade. Pelo conceito elusivo que durante esta apresentação nunca defini. Porque não sei definir. Só tenho impressão que a brasilidade tem algo a ver com outra idade: humanidade. Então, apesar das contrariedades, sete meses no Brasil não foram o tempo perdido. Espero que da perspectiva subjetiva de vocês os últimos 20 minutos também não tenham sido. Acabou a apresentação. Só espero que o amor não acabe.

Referências bibliográficas:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitoshumanos/noticia/201402/prefeituradoriorecolhemadoresderuaemacao-paracoibir>

<http://cmais.com.br/noticiasjornalismo/carnavalepalco-paracenasdeabusosexualnorio>

<http://globo.com/redeglobo/fantastico/v/pesquisarevelaquemamaioriaachaquemulherderoupacurtamereceseratacada/3249143/>

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111214_mapaviolencia_pai.shtml

<http://www.bbc.com/sport/0/football/24709049>

<http://www.bbc.com/sport/0/football/25621466>

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/censo_1338734359.pdf

<http://www.sabado.pt/SpecialPages/Print.aspx?printpath=/Arquivo/UltimaHora/Mundo/RiodeJaneiro/otemmaisdecincomilpeessoasaviv&classname=Article.News>

Bartosz Suchecki –estudante do terceiro ano de Estudos Portugueses na Universidade Marie CurieSkłodowska em Lublin. Bolseiro do programa Erasmus na Escola Superior de Educação em Lisboa (2012) e intercambista na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul em Ijuí (2013).



Fotografia: Jorge Branco

Grzegorz Kobęda
Universidade Jaguelônica, Cracóvia

Do ponto de vista dos polacos, um dos assuntos mais interessantes nos estudos em Filologia Portuguesa são os pontos de ligação entre o mundo lusófono e o nosso. No que diz respeito à linguística, estes pontos podem ser indicados no âmbito da gramática contrastiva, mas não só. Na nossa opinião, um destes pontos é o francês, uma língua que, numa certa altura, influenciou fortemente muitos idiomas mais ou menos afastados em termos genéticos.

O objetivo desta comunicação é esboçar a conceção de uma investigação mais vasta que consista numa comparação entre as influências do idioma francês no português e a sua influência no polaco. Este estudo comparativo resultará em conclusões interessantes, na nossa opinião, permitindo observar como uma determinada língua (o francês) contribui para modificar uma língua aparentada (românica) e uma língua menos parecida (eslava). Também vale a pena verificar se há razões para que uma tal análise constitua uma base de conclusões mais universais. No início da comunicação será indicado o contexto histórico da contribuição francesa para ambas as línguas. Depois, discutir-se-ão vários níveis da língua (léxico, fonologia, morfologia e sintaxe) em que se podem encontrar galicismos, o que servirá para esboçar um projeto mais vasto de investigação.

História e as suas consequências

O grande impacto do francês em línguas tão distintas e afastadas geograficamente resulta, obviamente, de fatores extralinguísticos, nomeadamente da forte posição cultural e política da França. Essas influências não estão ligadas apenas ao auge do domínio francês na diplomacia ou na moda. Quanto ao polaco, estima-se que os galicismos constituem cerca de 15% das palavras polacas de origem estrangeira (Bochnakowa, 2012: XXV); uma análise recente de Uniwersalny słownik języka polskiego PWN aponta inclusive para 27,55% (Porayski-Pomsta, 2007: 55). Resultam dos contactos culturais condicionados por factos históricos: o reinado de Henrique III de Valois, os casamentos de reis polacos, tais como João III Sobieski, com princesas francesas, e também a importância da França em termos políticos, económicos e culturais entre os séculos XVII e XVIII (Bochnakowa, 2012: XXV). No entanto, como indica Bogdan Walczak, o auge da influência francesa no polaco está ligado ao séc. XIX, quando o alcance social da moda francesa se torna muito mais vasto; para além disso, naquela altura ocorre a Grande Emigração, o fator mais forte da contribuição de galicismos para a língua polaca literária daquele tempo (Walczak, 1986: 294). Também é necessário lembrar a cooperação militar com a França, que deixou muitos traços no respetivo campo lexical.

No que diz respeito à língua portuguesa, as influências francesas foram marcantes tanto em Portugal como no Brasil. Júlia Simone Ferreira (2011: 7) destaca que “a França teve papel importante na formação da identidade brasileira”, o que se aplica a vários campos, nomeadamente político, eco-

nómico, social e cultural. Trata-se, entre outros, de acontecimentos históricos que se passaram no Brasil, por exemplo a “Expedição França-Antártica, chefiada por Villegagnon que se instalou na cidade do Rio de Janeiro em 1555”, bem como da influência do próprio pensamento francês em algumas revoltas, tais como a Inconfidência Mineira (7). Quanto ao campo sócio-cultural, a autora destaca o período de Belle Époque, que influenciou o Brasil de várias formas no século XIX e na primeira metade do século XX.

Na Europa, a influência do francês no português começa já na Idade Média com a literatura trovadoresca (Couto, 2010: 107). A partir do século XVIII, a França tem um forte impacto em Portugal. Trata-se de áreas tais como a vida quotidiana, moda, política e literatura, bem como da própria língua portuguesa, influenciada pelo idioma francês a vários níveis: lexical, morfológico e sintático (Veleanu, 2007: 41). Portugal foi influenciado pela França de várias formas: Veleanu (41-42) menciona tanto a ocupação napoleónica, como o papel do Romantismo francês, que inspirou o seu homólogo português. Explica que Pour les Portugais, le français est aussi une langue-pont, une langue qui leur permet de connaître d'autres littératures et cultures, car c'est en français qu'ils lisent les auteurs anglais, allemands et russes. [Para os portugueses, o francês também é uma língua-ponte, uma língua que lhes permite conhecer outras literaturas e culturas, pois é em francês que leem os autores ingleses, alemães e russos.]

Quanto aos acontecimentos históricos influenciados pelas ideias francesas, podemos mencionar por exemplo a Revolução Liberal do Porto, que teve lugar em 1820. Essa contribuição continua a ser muito significativa até à década de 50; devido a essas influências, o português talvez conte com mais de um milhar de termos franceses (Couto, 2010: 107).

Questões linguísticas

Polaco

Nesta secção, no que diz respeito à língua polaca, tentaremos resumir as influências francesas, aproveitando duas abordagens que nos indicam vários elementos franceses no idioma polaco: a diacrónico-temática de Walczak e a sincrónica de Porayski-Pomsta. O que nos interessa são, por um lado, as distinções gramaticais e, por outro, os campos lexicais dominantes aos quais se referem os galicismos presentes no polaco. Quanto ao vocabulário, foram tidos em conta sobretudo os galicismos integrados na língua recetora (polaca e depois portuguesa), que podem ser classificados como empréstimos (palavras praticamente não consideradas estrangeiras pelos falantes) ou eventualmente neologismos de importação (pode haver coexistência entre a forma integrada e não integrada) (cf. Andrade, 1997: 80-81).

Léxico: 1) Substantivos: a) vida na corte, jogos, danças, entretenimento, vida social : dama, galant, menuet, metresa, serweta (séc. XVII), amant, afront, bal, wizyta (séc. XVIII), etykieta, galanteria, konwenans, polonez (séc. XIX); b) moda (vestuário, equipamento de interior e de jardins, higiene e aparência física): gorset, peruka, robron (séc. XVII), apartament, krawat, butonierka, dezabil, frak,

fryzjer, ruż/róż (séc. XVIII), agrafa, kostium, dekolt, peleryna, pomada (séc. XIX), bardotka, mini (séc. XX) c) cozinha: bulion, gofry, konfitury, szampan (séc. XVIII), baleron, beza, deser, koniak, krem, lemoniada, menu, omlet, winegret (séc. XIX); d) Forças Armadas: artyleria, brygada, flanki, fort, mina, pistolet, reduta (séc. XVII), atak, bombardier, dezertier, patrol, pluton, rekonesans (séc. XVIII), armia, defilada, eskorta, manewry, saper, żandarm, kabotaż, szalupa (séc. XIX), desant, eskadra, hangar (séc. XX); e) arte (pintura, escultura, teatro, música etc.), arquitetura e literatura: atelier, gobelin, pejzaż, plener, relief, balkon, ballada, beletrystyka, felieton, reżyser, kurtyna, rola, spektakl, akord, etiuda, uwertura (séc. XIX); f) administração e política: parlament, prezydent (séc. XVI), afera, anons, barykada, biuro, debata, premier, trybuna (séc. XIX); g) economia: bankrut, bilon, finanse, importer, kapitał, renta (séc. XIX); h) ciência e técnica: busola, dezynfekcja, grypa, inżynier, litr, plomba, retusz, sonda (séc. XIX), aerotren, prodiż (séc. XX); i) maçonaria: farmazon, loża, mason, wolnomularstwo [decalque] (séc. XIX); j) vocabulário comum: adres, bagaż, dyżur, grupa, hotel, kretyn, peron, plaża, szansa (séc. XIX), dossier, makabra, plakietka (séc. XX); k) empréstimos semânticos: konferencja ‘odczyt, wykład’, formacja ‘wykształcenie’, optyka ‘sposób widzenia świata’. 2) Verbos: abonować, adaptować, ankietować, bankrutować. 3) Adjetivos: agresywny, akrobacyjny, brutalny, dramatyczny.

Fonologia: 1) participação na criação de grupos consoante + [j] dentro de morfemas adieu, afiliować, atelier, bariera. 2) inserção de grupos consoante coronal (t, d, s, z, etc.) + [i] dentro de morfemas: prestiż, riposta, żigolak.

Morfologia: 1) papel principal no acréscimo de sufixos -ada, -aż, -er, -eria (o mais produtivo): dziecinada, żenada, instruktaż, politykier, koftuneria. 2) afixos tais como dez-, ekstra-, ekwi-, żyro-/giro-, kilo-, kontr-/kontra-, -metr, etc: dezorientacja, ekstraklasa, ekwiwokacja, żyrobusola, kilowat, kontrwywiad, termometr. 3) manutenção de sufixos de origem latina (-ik, -ika, -cja, -encja, -ancja, -ent, -ant, -ista, -izm): periodyk, logistyka, biurokracja, dekadencja, nonszalancja, dekadent, amant, impresjonista, fowizm. 4) sufixo -iszon (< fr. -ichon / -uchon): korniszon, kapiszon, depois também formas expressivas como małpizson, etc. 4) formação de palavras compostas: lekarz-dentysta, rzut oka, stan rzeczy, krzyk mody, pole bitwy, maszyna do pisania. 5) terminação -e na 1ª pessoa do plural no nominativo e acusativo dos nomes que acabam em -ans e -ansa (subparadigma): pasjanse, szanse, kwadrans

Sintaxe: Só há influências em idioletos de falantes, não se mantendo no sistema: “Przed moim wyjazdem Hoffmannowa bardzo źle była” (Chopin), “W pokoju nie było jak tylko nas dwoje” (Jeż), “Wyjechawszy na morze [...] miasto wydaje się...” (Słowacki), “Brata Zana widziałem bardzo źle” (Mickiewicz), “Weszła kobieta lat pięćdziesięciu z górą, ubrana skromnie a czysto, głowa chustką owinięta” (Mickiewicz), etc. (Porayski-Pomsta, 2007; Walczak, 1976 e 1986)

Como podemos observar, o impacto do francês é muito forte e atinge praticamente todos os níveis da língua. Começa ainda antes do auge da influência francesa no mundo e continua mesmo após a segunda guerra mundial. Apesar da aparente predominância de anglicismos, os galicismos constituem no polaco um grupo muito mais numeroso (Porayski-Pomsta, 2007: 55).

Português

As fontes de que dispúnhamos durante a preparação da presente comunicação não são tão ricas como os materiais sobre os galicismos em polaco. Para escrever um trabalho maior cujas partes sejam equilibradas, é preciso fazer uma pesquisa em bibliotecas portuguesas. Neste momento vimos, porém, propor uma classificação analógica àquela dos francesismos na língua polaca.

Léxico: 1) substantivos: a) ligados à lírica trovadoresca: rouxinol, refrão, trovador, menestrel (séc. XII-XV); b) vida na corte, vida social: meretriz (séc. XIV), etiqueta (séc. XVIII); c) moda (vestuário, equipamento): boné (séc. XVII), fraque, gravata, peruca (séc. XVIII), maqui(l(h))agem, paletó, penhoar, abajur (séc. XIX), butique, cachecol, chique, maiô, sutiã, bibelô, souvenir (séc. XX); d) cozinha: creme, crepe (séc. XVIII), baguete, champanhe, conhaque, menu, purê (séc. XIX), garçom, patê (séc. XX); e) exercício: artilharia (séc. XV), pistola (séc. XVI), patrulha, (séc. XVII), sapador (do v. sapor) (séc. XVIII); f) arte, arquitetura, literatura: paisagem (séc. XVI), balada ‘composição poética para ser cantada’, folhetim, marionete, garagem, guichê (séc. XIX), ateliê (séc. XX); g) política, administração, sociedade: departamento, governante (séc. XIV), comitê, creche, elite, greve, sabotagem (séc. XIX); h) cores: carmim (séc. XVII), bordô (séc. XIX), bege, marrom, fumê (séc. XX); i) vocabulário comum: detalhe (séc. XIV), chance (séc. XV), bagagem (séc. XVI), emoção, hotel (séc. XVIII), revanche (séc. XIX). 2) verbos: abordar (séc. XVI), constatar, evoluir, filar ‘fugir’ (séc. XIX). 3) adjetivos: ancestral (séc. XIX), renomado (séc. XX).

Morfologia: sufixos produtivos -agem e -ete: coragem, selvagem, bobagem, garçonete, bastonete, chacrete ‘PB dançarina em alguns tipos de espetáculos’

Sintaxe e fraseologia: 1) uso da preposição “a” em vez de “em”: sopa a tomate, falar ao telefone, tocar ao piano. 2) falta da repetição da preposição apesar da repetição do artigo: opor-se aos projetos e designios de alguém; acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira. 3) forma nominal do verbo depois do substantivo: a festa acabada, os músicos partiram; o discurso acabado, ressoou uma salva de palmas. 4) decalques fraseológicos todos os dois ‘ambos’, ponto de vista, ter lugar, tomar a palavra. 5) palavra apassivante se na função de sujeito (como fr. on): louva-se os juizes; vende-se casas. (Couto, 2010; Ferreira, 2011; Gonçalves, 2009; Houaiss, 2009)

O francês influenciou a língua portuguesa na maioria dos seus níveis. Os exemplos dados pelos autores citados neste trabalho correspondem muitas vezes os galicismos presentes no polaco; na maioria dos casos trata-se dos mesmos campos lexicais. Quanto à sintaxe, destaca-se um

maior e mais permanente impacto de construções francesas em portuguesas.

O francês contribuiu para a inserção no polaco de algumas palavras e outros elementos latinos que o português já tinha (p. ex. *plaza* / *praia* < lat. *medv. plagia* < *plaga*; *inżynier* / *engenheiro* = *engenho* < lat. *ingenium* + *-eiro*). Para além disso, os contactos luso-franceses começaram mais cedo do que os contactos polaco-franceses, portanto há casos em que o mesmo vocábulo entrou no português e no polaco em alturas completamente diferentes (p. ex. pol. *sonda* séc. XIX / pt. *sonda* séc. XV/XVI; pol. *pejzaz* séc. XIX / paisagem séc. XVI).

Tendências gerais, investigação mais vasta e corpus

No que diz respeito a eventuais conclusões universais desta análise, o papel político-cultural da França parece ter tido mais importância do que a relação genérica entre o francês e uma língua que recebe galicismos. Porém, se observarmos mais conjuntos de línguas (com uma língua dominante e dois idiomas receptores), é possível repararmos em tendências comuns. Tendo em conta o presente esboço, podemos fazer um certo prognóstico: quanto maior for a distância genérica, maior será, se calhar, o impacto da língua dominante na fonologia e menor na sintaxe. Vemos que, por exemplo, os trabalhos aqui citados não notam nenhuma influência do francês no sistema fonológico português, percebendo ambas as línguas ao grupo românico ocidental, no qual se notam certas evoluções fonéticas comuns. Contudo, é necessário consultar mais fontes para sustentar ou rejeitar esta hipótese, mesmo dentro do contexto de galicismos.

Era bom que um estudo deste tipo também contivesse uma parte prática, isto é, a análise de um corpus. Para já, optámos por um texto francês em três versões linguísticas: original, polaca e portuguesa. Escolhemos o romance *Madame Bovary* de Flaubert, pois neste texto esperamos encontrar muitos elementos da língua francesa que passaram para outros idiomas, tais como o vocabulário relacionado com o vestuário e o estilo de vida. Uma análise de traduções parece-nos o modo mais eficiente de mostrar como funcionam os galicismos em ambos os idiomas receptores. Abaixo segue uma amostra deste material linguístico: *Les dames, ensuite, montèrent dans leurs chambres s'approprier pour le bal. Emma fit sa toilette avec la conscience méticuleuse d'une actrice à son début. Elle disposa ses cheveux d'après les recommandations du coiffeur, et elle entra dans sa robe de barège, étalée sur le lit. Le pantalon de Charles le serrait au ventre. Po obiedzie panie udały się do swych pokoi, by przebrać się w balowe toalety. Emma przygotowywała się do występu z drobniągową sumiennością debiutującej aktorki. Ułożyła włosy według wskazówek fryzjera i wśliznęła się w bareżową suknię rozłożoną na łóżku. Spodnie Karola ścisnęły mu brzuch. (introdução deste galicismo na frase anterior e num sentido diferente; tradução livre) As damas, em seguida, subiram aos seus quartos, a fim de se prepararem para o baile. Emma fez a sua toilette com a meticulosidade de consciência de uma atriz em noite de estreia. Arranjou o penteado segundo as recomendações do cabeleireiro e envergou o seu vestido de barege, estendido*

em cima da cama. As calças de Charles apertavam-lhe na barriga. (estrangeirismo, usado em vez da forma integrada *toalete*) [Com base em edições digitalizadas]. Esta análise deverá completar as considerações teóricas baseadas em estudos já existentes e contribuir para o valor inovador da investigação.

Referências bibliográficas

Andrade, A. R. de; Lopes, A. L. (1997). Primeira fase da instalação do estrangeirismo, in: *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Colibri, p. 77-89.

Bochnakowa, A. et al. (2012). *Wyrazy polskiego pochodzenia we współczesnym języku polskim*. Kraków, Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego.

Couto, H. (2010). Contatos entre francês e português ou influências do primeiro no segundo. "Synergies" Brésil, nº spécial 2, p. 107-116.

Ferreira, J. (2011). A contribuição da língua francesa para a língua portuguesa, in: *Atas da V Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, p. 7-11.

Gonçalves, C. et al. (2011). O uso do estrangeirismo na língua portuguesa. "Revela. Periódico de Divulgação Científica da FALS", n.º X, http://www.fals.com.br/revela15/artigoexper_05revela10.pdf [28.3.2014].

Houaiss (2009) = Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0 [versão CD].

Porayski-Pomsta, J. (2007). *Zapózyczenia leksykalne z języka francuskiego we współczesnej polszczyźnie. Charakterystyka strukturalno-semantyczna. "Poradnik Językowy"*, z. 5, p. 54-65.

Veleanu, C. (2007). *Deux siècles d'influence juridique française en Europe : Roumanie, Portugal, Union européenne. La Roumanie entre Orient et Occident, thèse de doctorat*. Lyon, Université Jean Moulin Lyon 3.

Walczak, B. (1986). *Galicyzmy w polszczyźnie na tle historii związków polsko-francuskich. "Rozprawy Komisji Językowej Łódzkiego Towarzystwa Naukowego"*, t. XXXII, p. 291-297.

Walczak, B. (1976). Wpływ języka francuskiego na system gramatyczny polszczyzny. "Studia Polonistyczne", t. III, p. 187-195.

Grzegorz Kobędza é estudante de Filologia Portuguesa através de Estudos Individuais Interfaculdades em Humanidades (MISH) na Universidade Jaguelónica de Cracóvia (1º ano de mestrado). Interessado em linguística comparada e contrastiva e em tradução. Publicou, junto com um grupo de colegas e professores, um livro com traduções polacas de textos do escritor timorense Luís Cardoso. Bolseiro do programa Erasmus (Universidade de Lisboa), do Ministro da Ciência e Ensino Superior e do Reitor da UJ.

Magdalena Górska
Universidade de Wrocław

O objetivo do presente artigo é confrontar a apresentação do rei de Portugal, D. Sebastião, nas fontes históricas com a sua imagem idealizada disseminada pelo mito do sebastianismo.

Primeiro, para compreender melhor a figura de D. Sebastião, deve-se entender o contexto histórico do seu reinado. O monarca viveu entre 1554 e 1578 e foi neto do rei D. João III e filho do príncipe João Manuel, o sucessor do trono. D. Sebastião foi filho único e também filho póstumo, quer dizer, nasceu depois da morte do seu pai. Por isso, a sua vida foi marcada desde o princípio: depois do falecimento precoce de D. João Manuel o povo rezava para que o seu filho fosse um menino, porque no caso contrário a dinastia de Avis estaria em grande perigo. Assim o rei adquiriu o cognome "O Desejado".

D. Sebastião tinha três anos quando o seu avô morreu. Depois do período da regência, subiu ao trono com 14 anos. Como disse José Hermano Saraiva em *História concisa de Portugal* este rei desde pequeno foi "criado no culto do heroísmo militar e do carácter quase divino da pessoa real" (Saraiva, 1988: 169). Em *História de Portugal* Joaquim Veríssimo Serrão indica também que o seu professor jesuíta "contribuiu para o seu forte pendor religioso, no espírito de militância da Contra-Reforma" (Veríssimo Serrão, 1980: 64). Devido a essa educação, na mente de D. Sebastião desenvolveu-se a ideia de que Portugal ia ser o "salvador da cristandade ameaçada" pelo Islão e ele deveria tornar-se "o instrumento dessa salvação" (Saraiva, 1988: 169). Assim o jovem monarca começou a sonhar com uma grande cruzada contra os Mouros. Encontrou um pretexto para invadir Marrocos quando o sultão Mulei Mafamede foi destronado pelo seu tio Mulei Moluco que beneficiou da ajuda da Turquia. O rei dom Sebastião supunha que o Império Otomano controlando o Magrebe seria uma grande ameaça para a Península Ibérica. Os nobres portugueses e o seu tio, Filipe II de Espanha, tentaram dissuadi-lo desta ideia, mas como diz Veríssimo Serrão: "O monarca não (...) escutou os conselheiros sensatos que procuravam detê-lo na marcha para o abismo" (Veríssimo Serrão, 1980: 74). Então, em junho de 1578 o rei partiu de Lisboa com uns 17 mil homens (Brooks, 1964: 42). A maioria deles não tinha muita experiência militar e as tropas em geral não eram bem coordenadas. Por outro lado o exército de Mulei Moluco era superior em número e melhor preparado. O resultado da batalha de Alcácer-Quibir era portanto fácil de prever: "as tropas lusas foram completamente derrotadas" (Veríssimo Serrão, 1980: 74), metade dos combatentes cristãos foi morta, "menos de 100 homens conseguiram escapar à captura marroquina" (Brooks, 1964: 48, tradução, MG). Agora sabe-se que o rei morreu no campo da batalha, mas naquele momento ele foi considerado desaparecido. Alguns investigadores dizem que nunca foi encontrado o seu corpo (Łukaszyk, 2005: 39), mas na realidade o seu cadáver foi identificado e primeiro foi enterrado

em Alcácer-Quibir e depois voltou para Lisboa onde foi sepultado no Mosteiro dos Jerónimos (Brooks, 1964: 44). No entanto, imediatamente depois da batalha havia uma grande confusão, a Lisboa chegavam informações contraditórias e logo começaram a surgir os rumores segundo os quais D. Sebastião sobreviveu à batalha. A gente que ouviu notícias sobre a sua morte e enterro, não queria acreditar nisso, como diz Besselaar na sua monografia *O Sebastianismo – História sumária* "muitos tinham as dúvidas acerca da identidade do corpo" (Besselaar, 1987: 69), alguns diziam que tinham visto o rei vivo. É neste momento que se pode falar sobre o nascimento do mito do sebastianismo.

Já que o rei não era visto em Lisboa, começaram a surgir várias teorias sobre o lugar da sua estadia. Uma das mais prováveis dizia que estava preso em Marrocos. Havia também suposições fantásticas divulgadas entre o povo, como, p.ex., que o rei estava numa ilha encantada encoberta em névoa e vai regressar num barco numa manhã de nevoeiro¹.

Como o rei não deixou nenhum descendente, o Cardeal P. Henrique, seu tio, subiu ao trono, mas ele já era velho, estava doente e não tinha filhos. Com a sua morte terminou a dinastia de Avis e a coroa foi ganha por D. Filipe II, rei da Espanha, que estabeleceu uma união pessoal entre os dois países, o facto que muitos portugueses consideravam como perda da independência.

O mito que nasceu da batalha de Alcácer-Quibir desenvolvia-se continuamente como resposta a esta anexação. No sentido mais literal o sebastianismo é uma "crença no regresso do rei português D. Sebastião (...), desaparecido na batalha de Alcácer Quibir" (Infopédia: entrada "sebastianismo", consultado em 15-06-2014), mas ele ultrapassa também os limites históricos para converter-se em uma crença mais geral de carácter messiânico "no regresso de Portugal a um esplendor nacional perdido" (Infopédia: entrada "sebastianismo", consultado em 15-06-2014). É curioso que alguns séculos depois da morte de dom Sebastião o povo ainda não parou de esperar a sua volta, como p.ex. durante a invasão napoleónica no s. XIX.

Hoje este mito é reconhecido como uma maneira de pensar característica para a mentalidade portuguesa, que tem a ver com o famoso conceito da "saúde", mas também há quem diga que esta crença é ridícula, irracional e reflete o pensamento utópico e a passividade do povo português que em vez de tomar alguma ação concreta prefere esperar um milagre.

A partir deste ponto há muitos temas interessantes acerca do sebastianismo que se podia estudar. O contraste entre a apresentação da pessoa do rei no mito e nas fontes históricas é uma dessas questões. A pergunta que aparece no título do artigo: "um herói nacional ou um monarca louco?" é uma simplificação. Em geral pode-se dizer que a imagem criada pela lenda é muito positiva e a avaliação dos historiadores mais severa. Poder-se-ia ilustrar esta situação com a tabela seguinte:

¹ Por isso na língua portuguesa surgiu a expressão "ficar a ver navios", quer dizer "ficar desiludido, sobretudo por não obter o esperado" (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: entrada "ficar a ver navios", consultado em 15-06-2014).

AVALIAÇÃO AMBIVALENTE DO REI DOM SEBASTIÃO: UM HERÓI NACIONAL OU UM MONARCA LOUCO?

Dom Sebastião	
Segundo o mito	Segundo as fontes históricas
herói nacional amado pelo povo	fraco física- e mentalmente
encarnação do ideal cavaleiresco	fanático religioso
líder carismático	misógino
mártir, santo	arrogante, ignorante, teimoso, megalómano
penitente	pau-mandado
homem providencial, messias	louco

Então, segundo o mito, dom Sebastião era considerado um herói nacional e uma encarnação do ideal cavaleiresco porque era valente, corajoso, durante a batalha lutou na primeira linha e nunca se rendeu. Também sonhava com a grandeza do seu país, portanto consagrou a sua vida inteira ao seu povo e para aos altos ideais. Além disso, passava por um líder carismático que foi capaz de preparar uma grande cruzada e comandar o seu exército. Outra faceta sua era a de um mártir, até um santo, porque sofreu pela sua pátria e religião e fez um sacrifício por uma causa nobre. Como alguns estavam convencidos de que – depois de ter perdido a batalha – foi para o exílio voluntário para pagar a sua culpa, surgiu a imagem de um penitente. Finalmente, a parte profética do mito dizia que dom Sebastião ia ser o messias da nação portuguesa.

Portanto, poder-se-ia supor que um rei que foi tão admirado pelo seu povo depois da sua morte, seria uma pessoa muito especial e teriam uma boa opinião sobre ele durante a sua vida. Segundo os historiadores D. Sebastião desde pequeno era fraco tanto física- como mentalmente; Veríssimo Serrão fala sobre a “falta de bom senso” (Veríssimo Serrão, 1980: 74) e “fraco poder de reflexão” (Veríssimo Serrão, 1980: 74) e também menciona alguma doença que provavelmente estava relacionada com o sistema nervoso. Além disso, as fontes dizem que durante a batalha ele fracassou totalmente como comandante. Devido à estrita educação religiosa o rei converteu-se num fanático religioso. A sua misoginia também foi um efeito desta formação. O monarca evitava os contatos com mulheres, considerava-as demónios e tinha aversão ao casamento. Também era considerado arrogante: tinha “uma visão absoluta do governo, cuja autoridade não podia ser partilhada ou posta em causa” (Veríssimo Serrão, 1980: 70), não respeitava os homens idosos e com mais experiência. Segundo Veríssimo Serrão “houve nele um conceito de auto-suficiência que acabou por o conduzir ao desastre” (Veríssimo Serrão, 1980: 70). Portanto, era também megalómano, sonhava sobretudo com a sua própria glória e de facto podia evitar a batalha de Alcácer-Quibir porque há evidências que Mulei Moluco queria negociar com ele, mas o rei recusou essas propostas. Apesar disso diz-se que era um pau-mandado fácil de manipular pelos seus validos. A última, mais grave acusação, é que era simplesmente louco: não tinha interesse nos assuntos do país porque estava tão obcecado com a expedição a Marrocos que perdeu o contacto com a realidade. Alguns

dizem que ele foi o único responsável pela morte de todos esses homens que levou para a guerra.

Não obstante, Veríssimo Serrão sublinha que é difícil julgar um personagem histórico: “Não foi D. Sebastião um ser desligado da realidade que o moldou, antes o produto de um meio político, social e religioso que, vendo nele O Desejado, o tornou um homem caprichoso e um governante habituado a impor a sua vontade.” (Veríssimo Serrão, 1980: 70). Portanto, parece que o seu comportamento não resultou tanto da sua personalidade, como da sua formação. É interessante que durante a sua vida dom Sebastião não gozava da confiança do povo que só começou a adorá-lo depois da sua morte. Veríssimo Serrão diz: “Os seus contemporâneos não o julgaram, de maneira global, sob um ângulo favorável. Foi sem dúvida um rei temido, mas não amado (...)” (Veríssimo Serrão, 1980: 70). Outros investigadores dizem claramente que D. Sebastião nunca foi popular durante a sua vida (Brooks, 1964: 49).

Então, por que uma pessoa tão controversa durante a vida se converteu num herói nacional depois da morte? A resposta dever-se-ia procurar sobretudo nas circunstâncias socioculturais e sociopolíticas dessa época. Depois dos problemas que seguiram a derrota em Alcácer-Quibir: a bancarrota, a necessidade de resgatar os cativos, a crise dinástica e finalmente a anexação de Portugal por Espanha, o povo sentiu-se orfanado e “procurava um líder que transformasse o desastre em paz e prosperidade. Como não podia encontrar nenhum homem de carne e osso, tentou ressuscitar o rei morto” (Brooks, 1964: 41-42, tradução, MG). Deve-se também levar em conta que o messianismo português nasceu muito antes de D. Sebastião. Já a lenda sobre o milagre de Ourique depois da vitória na batalha com os muçulmanos, que contribuiu para a criação do reino de Portugal, sugere que desde o seu início Portugal estava protegido por Deus e tinha uma missão especial para cumprir no Seu plano de salvação da humanidade (Łukaszyk, 2005: 36-37).

Também se pode procurar a origem do mito fora de Portugal. Uma das inspirações foi o profetismo hebraico preservado pelos cristãos novos de origem judaica em Portugal. A fonte do sebastianismo, na realidade, se pode já encontrar na Bíblia onde se promete a chegada de um messias que vai redimir toda a humanidade. Além disso, pode-se observar uma semelhança com as lendas artúricas que também contêm motivos do regresso dum herói e uma ilha encantada. Esses contos foram disseminados em Portugal pelos trovadores no s. XIV e influenciaram com certeza a imaginação do povo.

Por último, o grande papel no desenvolvimento do sebastianismo foi desempenhado pelo poema profético, Trovas, escrito pelo sapateiro Gonçalo Anes Bandarra que pronosticou a chegada do príncipe “Encoberto” mandado pela Providência para estabelecer “o quinto império, uma monarquia universal sob a governação portuguesa” (Brooks, 1964: 48, tradução, MG). Logo surgiu a interpretação que a profecia se referia precisamente a D. Sebastião.

Em resumo, o sebastianismo é um tipo arquetípico de

AVALIAÇÃO AMBIVALENTE DO REI DOM SEBASTIÃO: UM HERÓI NACIONAL OU UM MONARCA LOUCO?

pensamento do ser humano que espera a chegada de um homem providencial que vai ajudar. D. Sebastião, independentemente da sua personalidade e maneira de governar, serviu apenas como um pretexto para se criar um mito, que por um lado é universal, porque está profundamente enraizado na tradição coletiva, mas também único, próprio da cultura portuguesa.

Referências bibliográficas:

- Besselaar, van den J. (1987). O Sebastianismo – História sumária. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Brooks M. E. (1964). “From Military Defeat To Immortality: The Birth of Sebastianism”, *Luso-Brazilian Review*, Vol. 1, No. 2, 41-49.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] (2008-2013). Disponível na [www: http://www.priberam.pt](http://www.priberam.pt), [consultado em 15-06-2014].
- García Figueras, T. (1944). “La leyenda del sebastianismo”, *Revista de Estudios Políticos*, Nº 13-14, 163-179.
- Infopédia [em linha] (2003-2014). Porto, Porto Editora, disponível na [www: http://www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt), [consultado em 2014-06-15].
- Łukaszyk, E. (2005). “Sebastianizm : w oczekiwaniu na idealnego władcę, który przyplynie z zaklętej wyspy”, *Studia Iberystyczne*, No 4, 33-47.
- Oliveira Marques A. H. (1987). *Historia Portugali*. 1. Warszawa, Państw. Wydaw. Nauk.
- Saraiva J. H. (1988). *História concisa de Portugal*. Mem Martins, Publicações Europa-América.
- Saraiva J. H. *A Alma e a Gente : D. Sebastião, O Rei Perdido*, emitido em: RTP 2, 20 de novembro de 2004.
- Veríssimo Serrão J. (1980). *História de Portugal. O século de ouro (1495-1580)*. (2a edição). Porto, Editorial VERBO.

Magdalena Górska

Estudante do primeiro ano do 2o ciclo de Filologia Espanhola. Fez várias viagens à Península Ibérica e realizou, entre outros, um estágio no Departamento de Promoção do Comércio e do Investimento da Embaixada da Polónia em Lisboa. A sua tese de mestrado vai tratar sobre a imagem do rei D. Sebastião no drama espanhol. Além dos estudos dedica-se à tradução, também para a língua portuguesa.



Fotografia: Jorge Branco

Michał Belina
Universidade de Wrocław

As línguas românicas pertencem atualmente ao grupo das línguas indo-europeias mais divulgadas em todo o mundo. Este facto é resultado não só da expansão dos impérios coloniais, que teve lugar nos séculos anteriores, mas também com a expansão dos idiomas, sobretudo do espanhol, português, francês e italiano. A Nationalencyklopedin em 2010 elaborou a classificação das línguas no mundo, e como critério aceitou a diversidade dos idiomas pelo número de pessoas que usam dada língua como nativa. O idioma espanhol ficou classificado na segunda posição, e o português na sexta. Estima-se que o número de pessoas que usam as línguas românicas como nativas ascende a cerca de 750 milhões. Cada ano tomam-se iniciativas com o objetivo de divulgar as culturas e os idiomas dos países românicos. Entre eles encontramos as línguas que não apresentam tanta popularidade, mas têm orgulho dos seus pergaminhos antigos, da literatura escrita há centenas de anos e de escritores muito famosos. Essas línguas são, por exemplo, o romeno, o catalão, o provençal ou o galego. Com isto, considero que é importante dar atenção ao idioma que não pode ter orgulho de nada disso e está condenado, ao que parece, ao desaparecimento e esquecimento, como é no caso da língua mirandesa

O idioma mirandês é falado por cerca de 15.000 falantes no nordeste de Portugal, na região chamada Tierra de Miranda ou Miranda de I Douro e estende-se por 500 km². Esta região abrange todo o concelho de Miranda do Douro, e também algumas cidades dos concelhos de Bragança e Vimioso. Foi Manuel António Branco de Castro que inspirou Vasconcellos a investigar sobre o idioma mirandês. O dito acontecimento teve lugar durante o seu encontro no ano de 1882 numa das residências de estudantes no Porto, e não se deu por acaso. José de Vasconcellos já desde o início dos estudos era conhecido como amante das tradições e da linguagem do povo o que contribuiu para o seu futuro sucesso. Ao ter-se apercebido que na Academia Polytechica estava matriculado o natural de Duas Igrejas, Branco de Castro, que sabia com perfeição a língua dessa terra, visto que a falava desde a infância, decidiu reunir-se com ele. Essa situação ocorreu no ano de 1882 e desde então José de Vasconcellos dedicou muitos anos da sua vida ao estudo deste fenómeno. Onze anos depois, no ano de 1893, apresentou a Carta dialectológica do Continente Português que é a mais antiga proposta de classificação dos dialetos portugueses continentais, na qual identificou o mirandês como dialeto da língua portuguesa, verificando mais tarde que se tinha equivocado.

Devemos procurar as origens do idioma mirandês no século VI da Era Cristã durante o processo do surgimento de todas as línguas romances na Península Ibérica, muitos anos antes da fundação da nacionalidade espanhola ou portuguesa. A existência das línguas galaico-portuguesa, castelhana, asturiana e leonesa, que tinham maior prestígio,

provocaram o desaparecimento da língua mirandesa dos centros urbanos. Esse facto deve-se especialmente ao apoio do português, espanhol, e nalgum tempo também da língua galega, dos reinos da Península de então, igualmente como o ato de se servir dessas línguas com o objetivo de criar a literatura e expedir documentos de qualquer classe pelo que assim o idioma mirandês foi predestinado ao desaparecimento e às aldeias.

A região de Tierra de Miranda até 1139 pertenceu ao Reino de Leão, de modo que o mirandês durante muitos séculos esteve sob a influência das línguas leonesa e asturiana. Com o transcurso do tempo, tanto o idioma leonês como o asturiano ficaram na sombra dos seus principais vizinhos, e as suas influências no mirandês abrandaram drasticamente. Os reinos de Portugal e Castela dirigiam o ritmo da vida naquela época. O castelhano e o português tornaram-se as línguas da arte, ciência, comércio e da colonização. Sendo tão forte a influência destes idiomas vizinhos, acabaram por deixar vários rastros em todas as línguas peninsulares. Contudo, graças à situação geográfica de isolamento montanhosa e inacessibilidade da região Miranda de I Douro, a língua mirandesa resistiu ao passar do tempo e sobrevive até aos dias de hoje sendo a língua das pessoas mais iletradas e dos trabalhadores assalariados. A situação geográfica foi um fator decisivo no que toca à sobrevivência desta língua. Segundo as anotações de Vasconcelos, do século XIX, uma viagem do Porto a Miranda do Douro demorava três dias. A inacessível localização geográfica e as más condições atmosféricas dissuadiam os potenciais colonos. E os próprios mirandeses costumavam dizer: “Nôbe meses d’eimbiêrno/ I três meses d’einfiêrno.”

Voltando à questão da língua mirandesa, vale a pena mencionar a relação do mirandês com o asturiano. Os linguistas estão de acordo no que diz respeito à afirmação de que o mirandês não é um dialeto da língua portuguesa. Aqui, temos de perguntar se o mirandês e o asturiano são a mesma língua ou mirandês é um dialeto do asturiano, ou talvez seja um idioma à parte. Com certeza tanto o mirandês como o asturiano pertenciam ao domínio linguístico comum, que se estendia desde as Astúrias em Espanha até à Guarda em Portugal. Nessa zona desenvolviam-se muitas línguas romances, contudo não está confirmado que essas línguas funcionavam como um organismo linguístico. Não obstante, é sabido que a expansão do castelhano eliminava a maioria das línguas romances deixando só o asturiano e o mirandês à atenção de estarem em partes opostas do asturo-leonês e sendo o fruto das sociedades totalmente diversas começaram a criar dois organismos linguísticos, cada um deles evoluiu independentemente. Fenómeno este que podemos comparar com a situação da língua portuguesa e da língua galega que provêm do idioma galaico-português. Podemos atrever-nos a dizer que o mirandês e o asturiano apesar de serem aparentados, também são fraternais, todavia a sua história e evolução separada confirmam hoje que são idiomas diferentes.

Para podermos falar em essência do idioma mirandês,

temos de voltar à sua génese. Tanto o mirandês e o português, como o castelhano e o asturiano são línguas neo-latinas. Todas têm uma história comum e todas são enraizadas nos espaços geográficos vizinhos, de que procedem as suas semelhanças fonéticas, sintáticas e morfológicas. No entanto, cada língua em certa altura desenvolveu as suas próprias características, que as distinguem de outros idiomas. Uma delas é o sistema fonético. No quadro apresentamos alguns fenómenos do idioma mirandês comparados com os equivalentes dele nas línguas vizinhas.

Fenômeno fonético	Mirandês	Asturiano	Português	Castelhano
CL-, PL-, FL- clamare plorare flamma	[tʃ] chamar chorar chama	[ʎ] llamar llorar llana	[ʃ] chamar chorar chama	[ʎ] llamar llorar llana
F- folia	[f] fuolha	[f] fueya	[f] folha	[o] hoja
-CT-, -LT- nocte multu	[jt] noite muito	[tʃ] nueche muncho	[jt] noite muito	[tʃ] noche mucho
-LI- consiliu	[ʎ] cunseilho	[ʎ] cunsellu	[ʎ] conselho	[x] consejo
-NI- arana	[n] aranhon	[n] araña	[n] aranha	[n] arana
-C'L-, -G'L-, -T'L- ovicula regula vetulu	[ʎ] oubeilha reilha biêlho	[ʎ] oveya reya vieyu	[ʎ] ovelha relha velho	[x] oveja reja viejo
Fenômeno fonético	Mirandês	Asturiano	Português	Castelhano
-X- [ks] coxu	[ʃ] coxo	[ʃ] coxu	[ʃ] coxo	[x] cojo
-MB- palumba	[mb] palomba	[mb] palombin	[mb] pombo	[m] paloma
-AU-, -OU- pauco auro	[ow] pouco ouro	[o] pocu oru	[ow] pouco ouro	[o] poco oro
-AI- (iode) basiu (baysu)	[ej] beiso	[e] besu	[ej] beijo	[e] beso
Ê, Õ petra rota	[je], [wo] piêdra ruôda	[je], [we] piedra rueda	[e], [o] pedra roda	[je], [we] piedra rueda
-N-, -L-, luna salire	[n], [l] lhuna salir	[n], [l] lluna salir	[o], [o] lua sair	[n], [l] luna salir

-LL-, -NN-, -MN- valle annu damnu	[ʎ], [n] valhe anho danho	[ʎ], [n] valle añu dañu	[l], [n] vale ano dano	[ʎ], [n] valle añu daño
L- lupu	[ʎ] lhobo	[ʎ] llobu	[l] lobo	[l] lobo
Ê (sedere) est	[je] yê	[je] Ye	[ɛ] é	[e] es
-ONE [one] leone	[o] lhion	[o] Lleon	[ãw] leão	[o] león
E-, I- evolutionis idea	ei- eiboluçon eideia	e-, i- evolución idea	e-, i- evolução ideia	e-, i- evolución idea
O-, U- orationis urbanu	ou- ouraçon ourbano	o-, u- oración urbanu	o-, u- oraçãu urbano	o-, u- oración urbano

Dos 17 fenómenos fonéticos o idioma mirandês corresponde com 12 do idioma asturiano, com o português nove e com o espanhol só quatro. Estas semelhanças não são casuais, visto que refletem as relações e as influências entre elas com o transcurso do tempo. Como podemos reparar o idioma mirandês tem mais laços comuns com o asturiano. As maiores diferenças vêm das suas relações com o idioma castelhano e português. Visto que, se desenvolviam separadamente em regiões distantes, a sua pronúncia evoluiu de modo distinto, e a sua grafia reflete a grafia das línguas que as influenciaram, ou seja, para o asturiano foi o castelhano e para o mirandês foi o português. Esse facto não é surpreendente uma vez que até ao século XIX o mirandês era uma língua falada, transmitida de geração em geração. As primeiras tentativas para normalizar a língua mirandesa foram feitas pelo já mencionado José de Vasconcelos, que baseou a sua grafia na grafia do idioma que conhecia melhor ou seja no português. Essas línguas, apesar da grafia, adquiriram também os elementos lexicais dos seus principais vizinhos.

Português	Mirandês	Asturiano	Castelhano
Autocarro	Autocarro	Autobús	Autobús
Bilhetaria	Bilhataria	Taquilla	Taquilla
Carro	Carro	Coche	Coche
Copo	Copo	Vasu	Vaso
Escova	Scoba	Cepillu	Cepillo
Nota	Nota	Billete	Billete
Rua	Rue	Caye	Calle

Por causa do isolamento destas duas línguas, cada uma delas criou as suas características próprias e específicas. A existência do infinitivo pessoal merece a especial atenção,

SOBRE A ESSÊNCIA E A ORIGEM DO IDIOMA MIRANDÊS

uma vez que o infinitivo pessoal é um aspeto muito característico da família galaico-portuguesa, à qual o mirandês não pertence, como também a existência do género neutro no asturiano.

Fenómeno morfológico	Mirandês	Asturiano
Adjetivos possessivos	miu, mie; tou, tue; sou, sue; nuosso, nuossa; buosso, buossa	mio; to; so; nuesu; vuesu
Artigos indefinidos femininos	ũa, ãas	una, unas
Género neutro	(--)	(+)
Infinitivo pessoal	(+)	(--)

Cada sistema linguístico evolui de modo diferente. Os limites entre os dialetos e os idiomas são muito finos e dependem principalmente dos fatores extralinguísticos, como a política, história ou a economia. Da unicidade da língua mirandesa como o sistema linguístico pode demonstrar o facto de ter o estatuto da segunda língua oficial do país, o que ocorreu a 29 de janeiro de 1999. As diferenças entre o mirandês e outras línguas vizinhas foram suficientes para normalizar o mirandês por meio das suas próprias regras gramaticais. Além disso, os linguistas portugueses elaboraram a Cumbençon Ourtográfica de la Lhéngua Mirandesa cujo objetivo foi estabelecer critérios unitários, sistemáticos e claros para escrever e ler em mirandês. No ano 2000 surgiu a primeira academia da língua mirandesa Anstituto de la Lhéngua Mirandesa. O mirandês começou a ser divulgado em muitas instituições na região de Mirando do Douro. O Governo português declarou o seu apoio na divulgação da língua e cultura mirandesas. Hoje em dia o mirandês usufrui de muitos privilégios. Publicam-se livros e revistas em mirandês. Compõe-se música, transmitem-se emissões na rádio. Já ninguém fica surpreendido por ver as placas toponímicas em mirandês. Contudo um dos maiores sucessos da língua mirandesa foi a abertura da secção mirandesa na Universidade de Lisboa e a criação de cursos para formar futuros professores de língua e cultura mirandesas na Universidade de Trás-os-Montes. Porém, o número de falantes de mirandês está a diminuir, pelo que a divulgação e a promoção da cultura e língua mirandesas têm, como nunca, importância fundamental.

Referências bibliográficas:

Bárbolo, A. (1997). A língua mirandesa: contributos para o estudo da sua história e do seu léxico. Universidade do

Minho.

Frias Conde, X.; Quarte, R. L. Mirandês: Ua Lhéngua Minoritaira an Pertual. <http://www.romaniaminor.net/ianua/Ianua02/02Ianua04.pdf>

Lindley, C.; Luís, F. (1971). Nova Proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses no Boletim de Filologia 22. - <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/nova-proposta.pdf>

Martins, C. O mirandês face ao português e ao castelhano. Elementos para uma breve caracterização linguística e sociolinguística de um idioma minoritário.

http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina_M/ANUARI.pdf

Martins, C. (2006). Mirandês: estado da arte, produtos e projectos em A Linguística em Portugal. www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina_M/Mirandes.pdf

Merlan, A. (2009). El mirandês: situación sociolingüística de una lengua minoritaria en la zona fronteriza portugueso-española. Uviéu: Academia de la llingua asturiana.

Menéndes Pidal, R. (1906). "El dialecto leonés" na Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos. <http://www.xuristes.as/Pdf/ELDialectoLeonesPIDAL.pdf>

Vigón Artos, S. (2000). "El Mirandês nel Cuadro de les Llingües Peninsulares" nos Estudos mirandeses: balanço e orientações. Homenagem a António Maria Mourinho. Porto, Granito Editores e Livreiros: 77-83.

Michał Belina

Estudante do último ano de Mestrado de Estudos Ibéricos no Instituto de Estudos Românicos. No ano letivo 2012/2013 foi bolsheiro do programa Erasmus na Universidade do Porto. Dedicar-se sobretudo à questão do idioma mirandês na Península Ibérica, fonética histórica das línguas românicas, linguística comparada, sociolinguística e culturas das áreas lusófona, latino-americana, itálica e daco-romena.



Fotografia: Jorge Branco



Fotografia: Jorge Branco

Colheita de 2014

Terminou mais um ano lectivo e a colheita de 2014 é a prova de que foi um bom ano. É com uma variedade de castas única. Como de costume temos os vinhos ibéricos, onde se cruzam castas portuguesas e espanholas. Destacamos também os vinhos românicos, que não são mais do que vinhos franceses com um aroma lusitano que lhes confere mais qualidade. É finalmente os vinhos portugueses, fruto de uma criteriosa selecção das melhores castas nacionais que merecem destaque por serem os primeiros a sair da nossa adega. Alguns destes vinhos serão já colocados no mercado, enquanto que outros ainda irão envelhecer mais dois anos nas nossas caves.

Em cima da esquerda para a direita:
Zaneta Lipińska, Kinga Ostrowska, Urszula Półkósznik, Natalia Sławińska, Olga Bobkowska, Joanna Sędzimir-Dobrowolska, Katarzyna Matraszek, Kamila Wiśniewska, Katarzyna Wąlczak, Paulina Kuziorowicz, Joanna Kwiatkowska e Ada Dąbek.
Em baixo da esquerda para a direita:
Joanna Dudek, Sylwia Jabłońska, Małgorzata Grzesiowska, Martyna Danilewicz e Ewa Gad.



FILOLOGIA IBÉRICA 2011/2014



Da esquerda para a direita:
Paulina Mazur, Agata Serwin, Klaudia Ra-
choń, Magda Pacuk e Kamila Stelmarczy

FILOLOGIA ROMÂNICA 2011/2014

Em cima da esquerda para a direita:
Katarzyna Janowska, Katarzyna Frąszczak,
Ewa Szafrńska, Ewa Tomaszewska, Kata-
rżyna Rejter e Zuzanna Michalska
Em baixo da esquerda para a direita:
Łukasz Gomoła, Anna Tylec, Olena Bocz-
kowska, Ewa Kobyłka e Bartosz Suchecki



ESTUDOS PORTUGUESES 2011/2014

Centrum Języka Portugalskiego/Camões zaprasza do swojej siedziby na:



Wystawy
Promocje książek



Pokazy filmów



Zajęcia praktyczne



Wykłady na temat krajów
portugalskojęzycznych



Koncerty

Kursy języka portugalskiego:

- Małe grupy
- Wszystkie poziomy zaawansowania

Oficjalne egzaminy z języka portugalskiego:

- Wersja europejska (CAPLE)
- Wersja brazylijska (CELPE-Bras)

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



UMCS
UNIERSYTET MARI CURIE-SKŁODOWSKIEJ
W LUBLINIE



Centrum Języka Portugalskiego-Camões ul. Sowińskiego 12, 20-040 Lublin, tel. 081 537 27 20
e-mail: clp.lublin.polonia@gmail.com www.umcs.lublin.pl/camoes
Godziny otwarcia: poniedziałek-piątek 9.00-17.00